



Universidade de Brasília
Instituto de Química

Química Geral Experimental

ROTEIRO DE EXPERIMENTOS



2º/ 2025

Comissão Elaboradora:

Prof. Dr. Gesley A. Veloso Martins
Prof. Dr. Gerson de Souza Mól
Prof. Dr. Edgardo Garcia
Prof. Dr. Fernando Fabríz Sodré
Prof. Dr. Fernando de M. C. Vieira
Química Dra. Luciana Diniz Borges

Discentes Colaboradores:

Iraci Pereira dos Santos
Marcelo Rodrigues dos Santos
Daniel Augusto Barra de Oliveira
Marcos Maciel de Almeida
Lincoln Lucílio Romualdo
Marcelo Parise
Carlos Alberto M. Abella
Odemir de Araújo Filho

Apoio Técnico (Servidores do Laboratório):

Química Responsável:

Dra. Luciana Diniz Borges

Técnicos em Química:

Me. Aline da Silva Alvarenga
Dr. David Mark Mendes Pinho
Elton Jhon Almeida de Souza
Lilian Lopes de Almeida
Sergio Rubens Ribeiro

Laboratório de Ensino de Química Geral
Código da Disciplina: 114634

Coordenador:
Prof. Dr. Tarcísio Silva de Almeida

Revisão para o 2º/2025:
David Mark Mendes Pinho e Luciana Diniz Borges

CALENDÁRIO PROPOSTO:**QUÍMICA GERAL EXPERIMENTAL - IQD 114634 - 2º/2025**

Semana	(Lab. AT. 66/21 e AT. 80/21)	
1	18/08/25 – 22/08/25	Aula introdutória e apresentação do curso: Normas de segurança e vidraria; entrega de ementa.
2	25/08/25 – 29/08/25	Experimento 1: Densidade e Viscosidade
3	01/09/25 – 05/09/25	Experimento 2: Preparo e diluição de soluções
4	08/09/25 – 12/09/25	Para as turmas do Laboratório 80/21 : Experimento 3: Síntese do Sulfato de Cobre Para as turmas do Laboratório 66/21 : Experimento 4: Estudo de Detergentes
5	15/09/25 – 19/09/25	Para as turmas do Laboratório 66/21 : Experimento 3: Síntese do Sulfato de Cobre Para as turmas do Laboratório 80/21 : Experimento 4: Estudo de Detergentes
6	22/09/25 – 26/09/25	Semana Universitária
7	29/09/25 – 03/10/25	Experimento 5: Estudo de Termoquímica
8	06/10/25 – 10/10/25	Semana de Reposição*
9	13/10/25 – 17/10/25	Avaliação 1: sobre os 5 experimentos iniciais
10	20/10/25 – 24/10/25	Experimento 6: Estudo Qualitativo do Equilíbrio Químico
11	27/10/25 – 31/10/25	Semana de Reposição* (Feriado 27/10/25, segunda-feira – Dia do Servidor Público)
12	03/11/25 – 07/11/25	Experimento 7: Estudo de Ácidos e Bases em Meio Aquoso
13	10/11/25 – 14/11/25	Experimento 8: Estudo da Velocidade de Reações Químicas
14	17/11/25 – 21/11/25	Semana de Reposição* (Feriado 20/11/25, quinta-feira – Consciência Negra)
15	24/11/25 – 28/11/25	Para as turmas do Laboratório 80/21 : Experimento 9: Reatividade de Metais Para as turmas do Laboratório 66/21 : Experimento 10: Pilhas Eletroquímicas e Processos Eletrolíticos
16	01/12/25 – 05/12/25	Para as turmas do Laboratório 66/21 : Experimento 9: Reatividade de Metais Para as turmas do Laboratório 80/21 : Experimento 10: Pilhas Eletroquímicas e Processos Eletrolíticos
17	08/12/25 – 12/12/25	Avaliação 2: sobre os 5 experimentos finais
18	15/12/25 – 19/12/25	Notas, vistas e menções

*As datas de reposição previstas no calendário são para **TURMAS** que perderam a prática por razão justificável, e não para poucos alunos. Caso algum aluno, por motivo justificável, perca uma prática, ele poderá, em casos excepcionais e com a anuência de seu professor, repor o experimento em outra turma ao longo da semana vigente. A reposição poderá ser feita em turmas que não comprometam a segurança do laboratório e com a autorização do docente que ministrará a aula do dia em que o aluno puder fazer a reposição.

Estratégias utilizadas para o controle organizacional do LEQG:

Para que o Laboratório de Química Geral esteja sempre organizado, algumas regras são adotadas, semestralmente, de forma a facilitar o controle e a limpeza de bancadas e vidrarias. Dessa forma, todas as turmas poderão estudar em um ambiente mais limpo e mais seguro:

1- Nas primeiras aulas, serão formados os grupos de alunos, os quais deverão ser **FIXOS**, isto é, deverão trabalhar juntos ao longo de todo o semestre, salvo em circunstâncias excepcionais. Isso facilitará o controle organizacional do laboratório, que será feito pelo professor e pelo técnico, no caso de haver eventuais problemas, como quebra de vidraria ou existência de materiais sujos e/ou fora das gavetas e armários. Cada professor deverá tomar as providências necessárias, de acordo com seu critério de avaliação, se forem detectadas situações como as supracitadas. Isso evitará que os problemas encontrados se repitam.

2- Cada grupo de alunos terá 2 gavetas e 1 armário com os devidos materiais para trabalhar ao longo do semestre, que deverão estar sempre limpos e organizados. O aluno deverá zelar por seus materiais!

3- O grupo deverá guardar sempre sua vidraria, mesmo molhada, de volta ao local de onde ela foi retirada. Cada gaveta e cada armário possuem etiquetas indicando o local exato desses materiais.

4- Os alunos deverão limpar seus materiais de trabalho ANTES e DEPOIS de realizar o experimento. Não é recomendável confiar na lavagem de outras pessoas. Qualquer contaminação existente poderá comprometer o resultado da prática.

5- Caso sejam encontrados problemas, como falta/quebra de vidraria, falta de reagentes, dúvidas com respeito a algum equipamento etc., **o técnico ou o professor deve ser chamado.**

6- Os materiais **NUNCA** devem ser retirados de outros grupos, mesmo daqueles em que não houver alunos trabalhando, sem consulta prévia ao técnico. Isso evitará que outras turmas encontrem as gavetas desorganizadas.

7- Quando terminar o experimento, antes de ir embora do laboratório, o aluno deverá chamar o técnico para que este verifique se todo o material foi corretamente guardado e limpo em suas devidas gavetas e/ou armário.

INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA

O laboratório é um dos principais locais de trabalho do químico. Existe certo risco associado ao trabalho em laboratórios de química de um modo geral, uma vez que os indivíduos ficam mais frequentemente expostos a situações potencialmente perigosas.

Os principais acidentes em laboratórios de química se devem a ferimentos provocados pela quebra de peças de vidro ou por contatos com substâncias cáusticas, incêndios com líquidos inflamáveis. É preciso, então, planejar cuidadosamente o trabalho a ser realizado e proceder adequadamente no laboratório a fim de minimizar riscos. Também, deve-se sempre procurar conhecer as propriedades toxicológicas das substâncias com que se trabalha, em termos agudos e crônicos, e, caso as substâncias sejam desconhecidas, deve-se tomar os cuidados necessários para evitar eventuais intoxicações. Dentro dos limites do bom senso, ao se trabalhar no laboratório, deve-se considerar toda substância como potencialmente perigosa e evitar contatos diretos, seja por inalação, por ingestão ou por contato com a pele.

Além da redução dos riscos de acidentes e intoxicação, é necessário ainda estar atento à possibilidade de contaminações por substâncias que possam interferir nos resultados. Uma maneira para reduzir essas contaminações é manter vestuário, bancadas e materiais rigorosamente limpos.

Neste contexto, regras elementares de segurança e conduta devem ser observadas no trabalho de laboratório, a fim de reduzir os riscos de acidentes, tais como:

- Cortes por manejo inadequado de vidraria;
- Espalhamento de substâncias corrosivas ou cáusticas;
- Incêndios;
- Explosões;
- Inalação de gases ou vapores nocivos;
- Contato de produtos químicos com a pele ou mucosa.

Regras Gerais de Segurança e Conduta no Laboratório Químico

1. Verifique o local e o funcionamento dos dispositivos de segurança no laboratório (extintores de incêndios, chuveiros de emergência, saída de emergência etc.).
2. Trabalhe com atenção, calma e prudência.
3. Realize somente experimentos autorizados pelo professor responsável.
4. Leia com atenção e previamente os roteiros das experiências a serem realizadas.
5. Vista roupa e calçados adequados e use óculos de segurança. Se tiver cabelos compridos, mantenha-os presos atrás da cabeça.
6. Todas as substâncias, de certo modo, podem ser nocivas ou perigosas e, portanto, devem ser tratadas com cautela e respeito. Evite o contato direto com as substâncias do laboratório.
7. Lave as mãos após o eventual contato com as substâncias e ao sair do laboratório.
8. Não coma, não beba e não fume dentro do laboratório (não fume em lugar nenhum).
9. Utilize somente reagentes disponíveis na sua bancada de trabalho ou aqueles eventualmente fornecidos pelo instrutor. Não utilize reagentes de identidade desconhecida ou duvidosa.
10. Mantenha sua bancada de trabalho organizada e limpa.
11. Não despeje as substâncias indiscriminadamente na pia. Informe-se sobre como proceder a remoção ou o descarte adequado.
12. Não jogue na pia papéis, palitos de fósforo ou outros materiais que possam provocar entupimento.
13. Trabalhos que envolvem a utilização ou formação de gases, vapores ou poeiras nocivas devem ser realizados dentro de uma capela de exaustão.

14. Trabalhos que envolvem substâncias inflamáveis (geralmente solventes diversos) exigem cuidados específicos.
15. Tenha cuidado com o manuseio de vidraria. O vidro é frágil e fragmentos de peças quebradas podem causar ferimentos sérios. Tome cuidado ao aquecer material de vidro, pois a aparência deste é a mesma, quente ou frio.
16. Nunca realize reações químicas nem aqueça substâncias em recipientes fechados.
17. Tenha cuidado com a utilização de bicos de gás. Não os deixe acesos desnecessariamente. Perigo de incêndio! Evite o vazamento de gás, fechando a torneira e o registro geral ao final do trabalho.
18. Tenha cuidado com o uso de equipamentos elétricos. Verifique a voltagem antes de conectá-los. Observe os mecanismos de controle, especialmente para elementos de aquecimento (chapas, mantas, banhos, fornos, estufas etc.).
19. Ao aquecer um tubo de ensaio, não volte a extremidade do mesmo para si ou para uma pessoa próxima e nunca olhe diretamente dentro de um tubo de ensaio ou outro recipiente onde esteja ocorrendo uma reação, pois o conteúdo pode espirrar nos seus olhos.
20. Comunique imediatamente ao professor responsável qualquer acidente ocorrido durante a execução dos trabalhos de laboratório.

Relação de Substâncias e Materiais Perigosos

A relação de substâncias e materiais perigosos, apresentada a seguir, não pretende ser exaustiva, limitando-se apenas à indicação dos produtos mais comumente utilizados em laboratórios de Ensino de Química.

- **Solventes inflamáveis**

Muitos solventes usados no laboratório químico, como acetona, benzeno, etanol, éter etílico, éter de petróleo, hexano, metanol, tolueno etc., são inflamáveis.

Regras gerais de segurança em trabalhos que envolvem o uso de solventes inflamáveis

1. Não fume no laboratório;
2. Realize a transferência de solventes distante de qualquer chama aberta (bico de Bunsen etc.). Quando possível, realize essa operação dentro de uma capela;
3. Após retirar a quantidade necessária de solvente, feche bem a garrafa de reserva e guarde-a em lugar adequado;
4. Aquecimento de solventes inflamáveis (em operações de refluxo, destilação, extração, evaporação etc.) deve ser efetuado com dispositivos adequados tais como banho de água ou banho de óleo; evite uso de chama aberta ou chapa elétrica direta.

Em caso de incêndio com solventes, tome as seguintes providências:

1. Afaste-se das imediações do fogo e tente apagá-lo com um extintor adequado (gás carbônico ou pó químico); água não é recomendável para apagar incêndios com solventes;
2. Desligue os dispositivos elétricos através do interruptor geral;
3. Feche a torneira geral de abastecimento de gás;
4. Se a roupa de uma pessoa pegar fogo, deita-a no chão e cubra as chamas mediante um cobertor adequado;
5. Em caso de queimaduras, procure imediatamente atendimento médico (não tente medicar as queimaduras por conta própria).

• **Gases e vapores nocivos**

Trabalhos que envolvem a utilização, produção, desprendimento ou emissão de gases, vapores ou poeiras tóxicos ou agressivos devem ser sempre realizados dentro de uma capela de exaustão!

A seguinte relação apresenta alguns gases e vapores nocivos:

- **Amoníaco** (NH_3), gás irritante.
- **Benzeno** (C_6H_6), líquido volátil (p. eb. 80°C), tóxico.
- **Brometo de hidrogênio** (HBr), gás irritante e agressivo.
- **Bromo** (Br_2), líquido volátil (p. eb. 59°C), tóxico e irritante.
- **Cloreto de hidrogênio** (HCl), gás irritante e agressivo.
- **Cloro** (Cl_2), gás tóxico, irritante e agressivo.
- **Clorofórmio ou triclorometano** (CHCl_3), líquido volátil (p. eb. 62°C), tóxico.
- **Diclorometano** (CH_2Cl_2), líquido volátil (p. eb. 40°C), tóxico.
- **Dióxido de enxofre** (SO_2), gás tóxico e irritante.
- **Dióxido de nitrogênio** (NO_2), gás tóxico e irritante.
- **Formaldeído** (CH_2O), gás irritante.
- **Hexano** (C_6H_{12}), líquido volátil (p. eb. 69°C), tóxico.
- **Metanol** (CH_3OH), líquido volátil (p. eb. 65°C), tóxico.
- **Monóxido de carbono** (CO), gás tóxico.
- **Monóxido de nitrogênio** (NO), gás tóxico.
- **Sulfeto de hidrogênio** (H_2S), gás tóxico.
- **Tetracloro de carbono ou tetraclorometano** (CCl_4), líquido volátil (p. eb. 77°C), tóxico.



Vapores de mercúrio são tóxicos. Portanto, deve-se evitar o derramamento de mercúrio no laboratório. Em caso de quebra de termômetros, o mercúrio deve ser recolhido conforme indicações do instrutor.

• **Substâncias cáusticas**

Muitas substâncias são cáusticas e podem causar sérias sequelas na pele ou nos olhos. Portanto, o contato delas com a pele deve ser terminantemente evitado. Alguns exemplos de substâncias muito cáusticas:

1. Todos os ácidos concentrados, especialmente fluorídrico, perclórico, sulfúrico, sulfocrômico, clorídrico, nítrico e outros;
2. Todas as bases concentradas tais como hidróxido de sódio ou de potássio, carbonato de sódio ou de potássio, amônia, aminas e outras;
3. Oxidantes fortes concentrados, tais como água oxigenada, e outros;
4. Outras substâncias cáusticas: bromo, metais alcalinos, pentóxido de fósforo, formaldeído, fenol etc.

• **Substâncias explosivas**

Certas substâncias químicas, tais como hidrazina, hidroxilamina, certos peróxidos etc., podem sofrer decomposição espontânea de forma explosiva, induzida por aquecimento, catalisadores ou um simples toque mecânico. Tais substâncias não devem ser utilizadas ou produzidas em forma pura ou concentrada no laboratório de ensino.

- **Misturas explosivas de gases e vapores combustíveis**

Todos os gases combustíveis, como gás liquefeito de petróleo (GLP), hidrogênio, metano, monóxido de carbono, propano, sulfeto de hidrogênio etc., assim como vapores de líquidos inflamáveis, podem formar misturas explosivas com oxigênio.

- **Reações químicas violentas**

Certas reações químicas exotérmicas (que liberam calor) podem ocorrer de forma violenta ou até explosiva, caso sejam realizadas com substâncias concentradas e sem as devidas precauções:

1. Reações de neutralização entre ácidos e bases concentrados;
2. Reações de substâncias oxidáveis (compostos orgânicos em geral, metais em pó, enxofre e fósforo elementar) com oxidantes fortes, tais como:
 - Ácido nítrico e nitratos
 - Ácido perclórico e percloratos
 - Ácido sulfúrico concentrado
 - Cloratos
 - Cromatos e dicromatos
 - Permanganatos
 - Peróxido de hidrogênio e outros peróxidos
3. Certas substâncias reagem violentamente com água:
 - Sódio e potássio metálicos (reação com evolução de hidrogênio. Cuidado: perigo de incêndio!)
 - Ácido sulfúrico concentrado (calor de hidratação, espirramento de ácido).



Orientações para Mistura Segura de Substâncias

- Nunca misture ácidos concentrados com bases concentradas!
- Nunca misture oxidantes fortes com substâncias oxidáveis!
- Para diluir ácidos concentrados, nunca adicione água ao ácido concentrado, mas, sim, acrescente o ácido lentamente à água, sob agitação! Veja Artigo de D. Todd na revista *Journal of Chemical Education* vol. 70, pág. 1022 (1993).

Referências

Esse texto foi retirado e modificado da referência:

- Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química em Tubos de Ensaio: uma abordagem para principiantes*. Blucher, 2004.

Informações detalhadas sobre produtos químicos perigosos podem ser encontradas nas seguintes obras:

1. The Merck Index – an Encyclopedia of Chemicals, Drugs and Biologicals. Merck & Co. Inc., 11th Edition (1989).
2. M. Sittig: Handbook of Toxic and Hazardous Chemical and Carcinogens. Noyes Publications, Park Ridge, N. J., 2nd Edition (1985).
3. G.Weiss: Hazardous Chemical Data Book Data Book. Noyes Data Corporation, Park Ridge N. J. (1986).

PRINCIPAIS MATERIAIS E EQUIPAMENTOS UTILIZADOS EM LABORATÓRIOS QUÍMICOS

No laboratório químico, diversos utensílios e equipamentos são feitos dos mais diversos materiais: vidros, metal, cerâmica, plástico etc. Cada material tem suas limitações físicas e químicas e cada utensílio de laboratório possui determinada finalidade. O uso inadequado de materiais no laboratório, desrespeitando suas peculiaridades, pode resultar não somente num fracasso do experimento, gerando perda parcial ou total do material, como, também, em acidentes desagradáveis com danos pessoais.

Vidraria

O material mais utilizado em laboratórios químicos é o vidro. O vidro comum é basicamente um silicato sintético de cálcio e de sódio em estado não cristalino (estado vítreo), obtido por fusão de uma mistura de sílica (SiO_2), carbonato de sódio (Na_2CO_3) e calcário (CaCO_3) em proporções variáveis. Já o vidro usado no laboratório (borossilicato) contém alguns outros componentes (óxidos de boro e de alumínio) que proporcionam maior resistência química, mecânica e térmica. Um vidro de composição parecida é o chamado vidro *Pyrex*, também de uso doméstico.

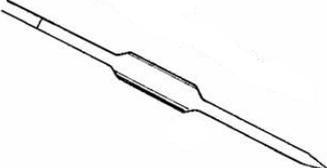
As propriedades mais apreciadas do vidro são as seguintes:

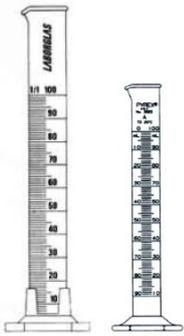
- Transparência perfeita, o que facilita a observação através das paredes dos recipientes;
- Boa resistência química, sendo apenas corroído por ácido fluorídrico e bases concentradas;
- Resistência térmica razoável (até 300 °C).

O vidro tem as seguintes limitações de utilidade:

- Fragilidade (sensível a impacto mecânico);
- Sensibilidade a choques térmicos;
- Deformação, amolecimento ou derretimento a temperaturas mais elevadas (acima de 400 °C).

Principais peças de vidro utilizadas em nossos experimentos

 <p>Tubos de ensaio</p>	<p>Usados para efetuar reações em pequena escala, como testes de reações.</p>	 <p>Béquer</p>	<p>Utilizado para dissolver, misturar, aquecer, verter líquidos, realizar reações etc. <u>Não deve ser usado para medir volumes</u>, já que sua medida é bastante imprecisa.</p>	 <p>Termômetro</p> <p>Destinados exclusivamente para medir temperaturas (escalas de -10 a 300 °C) e <u>não para agitar misturas</u> etc.</p>
 <p>Placa de Petri</p>	<p>Mais utilizada para fins biológicos. No laboratório químico, é também usada para observação de algum fenômeno.</p>	 <p>Frascos de Erlenmeyer</p>	<p>Sua forma peculiar facilita a agitação do conteúdo. Utilizado em dissoluções, aquecimentos e titulações.</p>	 <p>Kitassato</p> <p>Utilizado no processo de filtração a vácuo e em reações de obtenção de gases.</p>
 <p>Balão Volumétrico¹</p>	<p>Utilizado no preparo e diluição de soluções com volumes precisos. O <u>menisco²</u> indica o volume final a ser medido.</p>	 <p>Pipeta graduada¹</p> <p>Destinadas exclusivamente à medição de volumes de líquidos (maior precisão que as provetas). Pode-se medir diferentes volumes.</p>	 <p>Pipeta Volumétrica¹</p> <p>Destinadas exclusivamente à medição de volumes de líquidos (maior precisão que as provetas). Medição de apenas um volume, indicado pelo <u>menisco²</u>.</p>	

 <p>Com escala graduada rigorosa e torneira de precisão, é utilizada para titulação de soluções e, também, para escoar volumes variáveis.</p> <p>Bureta¹</p>	 <p>Destinada exclusivamente à medição de volumes de líquidos.</p> <p>Proveta graduada¹ (de vidro ou de plástico)</p>	 <p>Funil simples (de vidro ou de plástico) Para filtração (separação líquido-sólido) ou adição.</p>
 <p>Bastão de Vidro Utilizado para misturar/agitar misturas e auxiliar na transferência de um líquido.</p>	 <p>Vidro-relógio Utilizado para pesagens em geral e para cobrir béqueres.</p>	

1 – Esse material não deve ser aquecido para não perder a calibração.

2 – Nas análises volumétricas, em que se utiliza, por exemplo, proveta, pipeta e bureta, a medição exata de um determinado volume implica na formação do menisco, isto é, da curva formada na superfície do líquido, acima (menisco côncavo – Figura 1A) ou abaixo (menisco convexo – Figura 1B) da marcação horizontal da vidraria a depender do tipo de líquido que está sendo medido. Veja a forma correta da leitura do menisco na Figura 2.

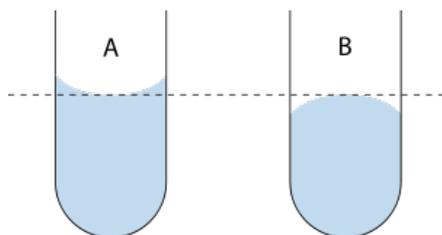


Figura 1: Formas do menisco:
(A) menisco côncavo;
(B), menisco convexo.

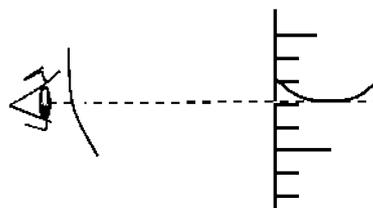


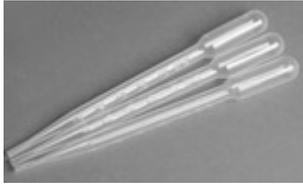
Figura 2: Forma correta da leitura do menisco: linha de visão no mesmo nível da superfície do líquido

Materiais Plásticos

Alguns utensílios de laboratório podem ser feitos de materiais plásticos como, por exemplo, polietileno ou polipropileno, os quais possuem as seguintes propriedades:

- Elasticidade (não quebra);
- Boa resistência química contra soluções aquosas de diversos agentes químicos, inclusive ácido fluorídrico;
- Polietileno e polipropileno são sensíveis a solventes orgânicos, tais como benzeno, tolueno etc., sofrendo dissolução parcial;
- Transparência limitada;
- Sensibilidade térmica: polietileno e polipropileno começam a sofrer deformações acima de 120 °C. Portanto, materiais plásticos não devem ser aquecidos ou não colocados na estufa de secagem acima de 110 °C;
- A maioria dos materiais plásticos é combustível.

Principais peças de plástico utilizadas em nossos experimentos:

 <p>Armazena pequenas quantidades de água destilada, álcool e outros solventes. Muito usado para completar os balões e efetuar lavagem de recipientes.</p> <p>Pisseta ou Frasco Lavador</p>	 <p>Funil de Büchner (de plástico ou de porcelana) Usado em filtração a vácuo e deve ser acoplado a um frasco de kitassato por meio de uma borracha de vedação.</p>	 <p>Pipeta de Pasteur Utilizada para transferência de pequenos volumes, sem necessidade de precisão.</p>
---	---	--

Materiais Refratários

São materiais que resistem temperaturas elevadas (acima de 400 °C). O material refratário mais utilizado no laboratório químico é a porcelana (além de outros materiais cerâmicos). O material cerâmico é frágil.

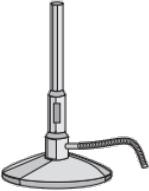
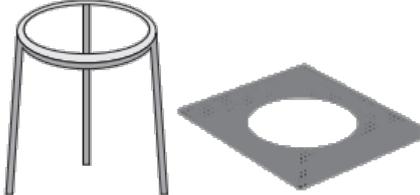
Principais objetos de porcelana utilizados no laboratório químico:

- Cadinhos: pequenos recipientes para uso em altas temperaturas (fusão, calcinação etc.). 
- Cápsulas: recipientes alargados para uso em altas temperaturas (evaporação, secagem etc.). 
- Almofariz ou gral com pistilo: recipiente de parece grossa e tamanho variado, destinado exclusivamente para triturar ou pulverizar substâncias sólidas. 

Ferragens Mais Comuns

De modo geral, os metais comuns são facilmente corroídos por diversos agentes químicos, principalmente pelos ácidos. Portanto, deve-se evitar o contato dos objetos metálicos com ácidos e outros agentes oxidantes ou corrosivos.

Principais utensílios metálicos utilizados no laboratório químico:

 <p>Espátulas de Aço Para dosagem de pequenas quantidades de substâncias sólidas.</p>	 <p>Bico de Bunsen Para aquecimento, com direcionamento da chama e regulagem de entrada de oxigênio.</p>	 <p>Tripé de Ferro com Tela de Amianto Suporte para aquecimento sobre bico de Bunsen.</p>
 <p>Garra Mufa</p> <p>Garra para prender objetos e vidrarias e mufa para segurar a garra no suporte universal.</p>	 <p>Pinça para Bureta (modelo Castaloy) Para segurar a bureta no Suporte Universal.</p>	 <p>Para montagem de equipamentos e sistemas diversos.</p> <p>Suporte Universal</p>

Outros Materiais e Equipamentos Básicos Utilizados em Nossos Experimentos



Pipetador de Três Vias (Pêra)

Para pipetar soluções (suga e libera o líquido).



Pinças de Madeira

Para manusear objetos quentes ou que serão aquecidos.



Estufa Elétrica

Para secagem de materiais (reagentes e vidraria) até 150 °C.



Banho-Maria Elétrico

Para aquecimentos até 100 °C (temperaturas acima do ponto de ebulição da água não são apropriadas devido ao risco de acidentes por queimaduras).



Balanças de Laboratório

Para determinação de massas com precisão de 2 casas, 3 casas (semi-analítica), 4 casas ou mais (analítica).



Placa de Agitação Magnética com Aquecimento

Para aquecimentos diversos e, também, para agitar/dissolver/homogeneizar líquidos por meio de uma barra magnética.



Fonte Elétrica

Para fornecimento de energia elétrica, até 30 Volts, e medição da corrente elétrica.



Voltímetro

Para medir a diferença de potencial (voltagem) de dois pontos de um circuito elétrico.



O Instituto de Química está implementando um programa de segurança e gerenciamento de resíduos químicos nos laboratórios de graduação, que tem como um de seus objetivos contribuir para formação de profissionais com uma consciência ética, criteriosa e ambientalmente saudável. A operacionalidade deste programa ocorrerá pela adesão voluntária a essa ideia e gostaríamos de contar com você. Para isso, cuide da limpeza do laboratório e fique sempre atento ao símbolo da reciclagem (♻️) na sua apostila. Ele indica o que deve ser feito com os materiais e as substâncias preparadas ao longo das práticas!



Além disso, caso algum de seus materiais ou vidrarias tenham sido danificados durante o experimento, chame o técnico ou o professor! As vidrarias devem ser recolhidas para descarte apropriado e nunca devem ser jogadas em lixeiras comuns! Essa atitude também evita que você e outras pessoas se machuquem.

PROPRIEDADES FÍSICO-QUÍMICAS: DENSIDADE E VISCOSIDADE

OBJETIVOS

Medir a densidade de diferentes líquidos e de um metal. Calcular a viscosidade absoluta desses líquidos utilizando a viscosidade tabelada da água como referencial.

INTRODUÇÃO

A densidade (ρ) de um material é definida como a razão entre a massa (m) e o volume (V) a uma dada temperatura e pressão, sendo, então, calculada pela fórmula:

$$\rho = \frac{m}{V}$$

com unidade de (kg/m^3) no Sistema Internacional (SI), mas com outra unidade muito utilizada em química, que é o (g/cm^3) no CGS (acrônimo para Centímetro–Gramma–Segundo). Na literatura, é comum encontrar valores de densidades obtidos a 1 atm e 20 °C ou 25 °C, mas é importante também conhecer como a densidade varia com a temperatura para cada material.

Como o volume costuma aumentar com o aumento da temperatura, a densidade diminui. Existem algumas exceções como o caso da água, entre 0 e 4 °C, em que a densidade aumenta com o aumento da temperatura devido à quebra e rearranjo de interações do tipo ligação hidrogênio que levam à diminuição do volume. Embora o efeito da pressão sobre a densidade dos gases seja bastante significativo, a variação da pressão afeta muito pouco a maioria dos líquidos e sólidos. Para se ter uma ideia, é necessário um aumento de milhares de vezes na pressão para mudar em apenas 1% a densidade da água. As forças intermoleculares de atração e repulsão são as que determinam as magnitudes destes efeitos em cada substância.

Existem relatos antigos do uso de medidas de densidades na identificação de distintos metais. O mais famoso deles conta que Arquimedes utilizava medidas dos volumes de água deslocados por massas conhecidas para estimar a pureza de objetos feitos de ligas de ouro, porém a veracidade do uso desta técnica nesse relato é questionável devido à necessidade de se medir pequenas variações de volume com extrema precisão, para poder, assim, diferenciar ligas metálicas com densidades similares.

Na primeira parte desta prática, serão calculadas as densidades da água e de duas soluções aquosas pela medida da massa de um volume conhecido, a uma dada temperatura. Na segunda parte, a técnica do volume de água deslocado será empregada para diferenciar metais com diferenças razoáveis nas densidades.

A viscosidade de um fluido é a resistência à deformação ou ao escoamento e pode ser entendida como uma fricção interna. Existe mais de uma definição para a viscosidade, entretanto, a mais comum, abordada nesta prática, é a **Viscosidade Absoluta**, também chamada de **Coefficiente de Viscosidade Dinâmica**, representada pela letra grega μ , cuja unidade no SI é o Pa.s ($\text{N}\cdot\text{s}\cdot\text{m}^{-2} = \text{kg}\cdot\text{m}^{-1}\cdot\text{s}^{-1}$). A unidade mais usual é o *poise* ($P = 0,1 \text{ Pa}\cdot\text{s}$), ou ainda o *centipoise* ($\text{cP} = 0,001 \text{ Pa}\cdot\text{s}$). O nome da unidade foi atribuído em homenagem ao médico fisiologista francês *Jean Louis M. Poiseuille*, que, em 1846, publicou estudos sobre o fluxo laminar de *fluidos Newtonianos*. Em especial, seu interesse era entender o fluxo do sangue em artérias, veias e vasos capilares. Outra definição é a chamada **Viscosidade Cinemática**, obtida dividindo-se a viscosidade absoluta pela densidade do líquido, cuja unidade usual é o Stokes ($\text{cm}^2\cdot\text{s}^{-1}$). A escolha do nome homenageia o físico-matemático irlandês *Sir George Gabriel Stokes* que, a partir de 1842, publicou importantes contribuições na área de dinâmica de fluidos.

Fluidos cujas viscosidades absolutas dependem apenas da temperatura e pressão, e não das forças de escoamento, são denominados *Fluidos Newtonianos*. Esse tipo de comportamento é apresentado por grande parte dos líquidos e soluções, sendo a água um exemplo típico. A viscosidade dos líquidos tende a diminuir com o aumento da temperatura, enquanto a variação da pressão exerce efeitos mínimos, exceto para altíssimas pressões. Contribuições da energia cinética das moléculas, forças intermoleculares de atração e repulsão irão determinar a viscosidade do líquido, além do tipo e magnitude do efeito da temperatura sobre esta propriedade.

Existem diversas técnicas para se obter experimentalmente as viscosidades. Na terceira parte desta prática, as viscosidades de duas soluções serão calculadas em relação à da água (fluido de referência), cuja viscosidade é tabelada, previamente determinada por outra técnica. As viscosidades da água são facilmente encontradas na literatura para uma ampla faixa de temperaturas e, por isso, trata-se de uma boa escolha como líquido de referência. As densidades de outros líquidos ou soluções (ρ), e seus tempos de escoamento (t), cujas viscosidades absolutas (μ) desejam ser calculadas, serão determinados experimentalmente e empregados na seguinte fórmula:

$$\mu = \frac{\mu_{H_2O} \cdot (t \cdot \rho)}{t_{H_2O} \cdot \rho_{H_2O}}$$

Portanto, para realizar o cálculo utilizando a equação acima, é necessário conhecer a viscosidade da água (μ_{H_2O}), tabelada, assim como seu tempo de escoamento (t_{H_2O}) e sua densidade (ρ_{H_2O}), propriedades que serão determinadas, neste experimento, nas mesmas condições experimentais que as das soluções no momento da realização da prática. É importante ressaltar que todas as grandezas empregadas na fórmula anterior dependem da temperatura e, portanto, devem ser obtidas, no momento da prática, em igual temperatura para que se chegue a valores mais exatos das viscosidades das soluções.

Um erro típico é acreditar que líquidos com tempos de escoamento (t) maiores são necessariamente mais viscosos do que outros com tempos menores. Entretanto, a fórmula anterior nos leva a concluir que o que determina a viscosidade não é somente o tempo de escoamento, mas, sim, o seu produto com a densidade do líquido. Isso será verificado experimentalmente na terceira parte desta prática.

Tabela 1.1: Densidades e viscosidades da água em diferentes temperaturas à pressão de 1 atm. [ref.1]

T (°C)	ρ (g/cm ³)	μ (cP)
15	0,9991	1,1390
16	0,9989	1,1090
17	0,9988	1,0810
18	0,9986	1,0530
19	0,9984	1,0270
20	0,9982	1,0020
21	0,9980	0,9779
22	0,9978	0,9548
23	0,9975	0,9325
24	0,9973	0,9111
25	0,9970	0,8904
26	0,9968	0,8705
27	0,9965	0,8513
28	0,9962	0,8327

Parte 1: Densidade de Líquidos

PARTE EXPERIMENTAL

Materiais

- Balão volumétrico de 100 mL sem tampa 
- Termômetro
- Balança 
- Béquer de 250 mL 

Reagentes

- Água destilada
- Solução saturada de NaCl
- Solução glicerina:água (2:1, v/v)

PROCEDIMENTO

Nesta parte, serão calculadas as densidades, à temperatura ambiente, de três líquidos na seguinte ordem: Água destilada, solução saturada de NaCl e solução [glicerina/água].



ATENÇÃO: HOMOGENEÍZE as soluções antes de utilizá-las!

Faça as pesagens utilizando SEMPRE a mesma balança para evitar possíveis erros e, antes de cada medição, verifique se a balança está zerada!

Siga as instruções abaixo para cada líquido.

1. Pese na balança um balão volumétrico de 100 mL, seco, e anote sua massa em gramas: M1
2. Preencha o balão com o líquido até aproximadamente 1 cm abaixo da marca.
3. Utilize um conta-gotas (Pipeta de Pasteur) para completar o volume exatamente até a marca do balão (menisco).
4. Pese na balança o balão volumétrico, contendo o líquido, e anote a massa em gramas: M2
5. Transfira o líquido do balão para um béquer e coloque o termômetro. Quando a leitura da temperatura estabilizar, anote seu valor na tabela abaixo.
6. Calcule a massa do líquido ($M3 = M2 - M1$) e sua densidade ($\rho = M3 / 100 \text{ mL}$).
7. Repita o procedimento, a partir do item 2, para cada líquido e complete a tabela abaixo.

Resultados

Balão seco: M1 (g) =				
	M2 Balão + Líquido	M3 Líquido	Densidade (ρ) g/mL	Temperatura °C
Água destilada				
Solução NaCl				
Glicerina/água (2:1)				



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Não descarte as soluções utilizadas nessa parte do experimento! Reserve-as, pois elas serão reutilizadas na **Parte 3!**

Parte 2: Densidade de Sólidos

PARTE EXPERIMENTAL

Materiais

- Vidro-relógio
- Espátula 
- Balança
- Proveta de 25 mL 

Reagentes

- Água da torneira
- Sólido metálico "A"
- Sólido metálico "B"

PROCEDIMENTO

Nesta parte, serão calculadas as densidades, à temperatura ambiente, de dois sólidos cujas densidades são maiores do que a da água. Siga as instruções abaixo para cada um dos sólidos.

1. Pese em um vidro-relógio pelo menos 10 g do sólido “A” (anote a massa exata): M
2. Coloque água da torneira até a marca aproximada de 14 mL em uma proveta de 25 mL e utilize uma pipeta de Pasteur para adicionar água na proveta até a marca exata de 15 mL (V_i) (verifique o menisco – Figuras 1 e 2 da página 9 da apostila).
3. Transfira todo o sólido para a proveta **com cuidado** para não quebrar a vidraria e para não saltar água, evitando a perda do líquido para o meio ou para a parte superior da proveta. Certifique-se de que todo o sólido esteja submerso e que não há bolhas de ar. Caso o sólido não tenha sido completamente submerso, retire-o da proveta e acrescente mais água, verificando novamente o menisco e anotando corretamente o novo volume V_i .
4. Anote o volume total marcado pela água na proveta após submersão do sólido: V_t
5. Calcule o volume do sólido: $V_s = V_t - V_i$
6. Calcule a densidade do sólido: $\rho = M / V_s$
7. Repita o procedimento para determinar a densidade do sólido “B”, completando a tabela abaixo.

Resultados

Sólido	M (g) Massa do sólido	V_i (mL) Volume inicial	V_t (mL) Volume total	V_s (mL) Volume do sólido	Densidade (ρ) (g/mL)
A					
B					

8. Determine a provável natureza do Sólido “A” e do Sólido “B” (são feitos de qual material ou substância?) consultando a Tabela 1.2 de Densidade de Materiais Sólidos abaixo:

Tabela 1.2: Densidade de Materiais Sólidos a 25 °C. *

Material	ρ (g/cm ³)
Magnésio	1,7
Alumínio	2,7
Titânio	4,5
Zinco	7,1
Estanho	7,3
Aço carbono	7,8
Ferro	7,9
Bronze	8,7
Níquel	8,9
Cobre	9,0
Prata	10,5
Chumbo	11,3
Platina	21,4

*em ordem crescente de densidade.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os metais utilizados nessa parte da prática deverão ser secos com papel-toalha e guardados de volta no frasco de onde foram tirados.

PARTE EXPERIMENTAL

Materiais

- Seringa plástica sem êmbolo
- Suporte e garra para a seringa
- Béquer 
- Cronômetro
- Termômetro
- Proveta de 10 mL 

Reagentes

- Água destilada
- Solução saturada de NaCl
- Solução glicerina:água (2:1, v/v)

PROCEDIMENTO

Nesta parte, será calculada a viscosidade (Coeficiente de Viscosidade Dinâmica), à temperatura ambiente, de dois líquidos na seguinte ordem: solução saturada de NaCl (água com sal) e [glicerina:água]. As viscosidades das duas soluções serão obtidas usando a viscosidade da água como referencial, a partir dos tempos de escoamento e das densidades (**Parte 1**). Lembre-se sempre de homogeneizar as soluções antes de utilizá-las!

Repita as instruções abaixo para cada um dos líquidos:

1. Lave a seringa 3 vezes com água da torneira, sem sabão, deixando a água escorrer pela ponta livremente. Ao final, sacuda a seringa para que fique o mais seca o possível, não use panos nem papel para tentar secá-la.
2. Coloque a seringa no suporte e adicione, com a proveta, exatos 10 mL do líquido, usando o dedo para obstruir a ponta da seringa e evitar a saída do líquido.
3. Coloque um béquer embaixo da seringa e zere o cronômetro.
4. Inicie a contagem do tempo no cronômetro ao mesmo tempo em que seu colega retira o dedo da ponta da seringa, parando o cronômetro assim que o líquido escoar por completo, isto é, até que o fluxo de escoamento seja interrompido pelo rompimento do filete. Anote o tempo de escoamento em segundos: t
5. Faça mais duas vezes o procedimento e calcule o tempo médio de escoamento, anotando os valores na tabela.
6. Coloque o termômetro no béquer, contendo o líquido colhido, e anote a temperatura: T
7. Calcule o Coeficiente de Viscosidade Dinâmica: $\mu = \mu_{H_2O} \cdot (t \cdot \rho) / (t_{H_2O} \cdot \rho_{H_2O})$

Para o cálculo, escolha o valor de viscosidade da água μ_{H_2O} (ver Tabela 1.1 da Introdução) cuja temperatura for a mais próxima à observada no experimento e anote-o na tabela. Utilize os valores médios obtidos pelo grupo para os tempos de escoamento t e as densidades (ρ) obtidas previamente na **Parte 1** deste experimento.

8. Repita o procedimento inteiro para os outros líquidos, completando a tabela de resultados.

Resultados

Tempos de Escoamento				
	t_1	t_2	t_3	t médio (s)
Água destilada				
Solução NaCl				
Glicerina/água				

Coeficientes de Viscosidade Dinâmica

	t (s) tempo de escoamento médio	(t . ρ) (s. g / mL)	Temperatura (°C)	Viscosidade Dinâmica μ (cP)
Água destilada (tabelado)				
Solução NaCl				
Glicerina/água				



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: As soluções de NaCl e de Glicerina:Água devem ser colocadas de volta ao frasco de origem.



REFERÊNCIAS

1. *CRC Handbook of Chemistry and Physics*; 58th Edition, CRC Press, Inc., Cleveland, Ohio; Editor : Robert C. Weast; 1977-1978.
2. Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher; 2004.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 1
DENSIDADE E VISCOSIDADE

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____

Nome _____ Matrícula _____

Densidade de Líquidos:

1. Valores de densidades dos líquidos obtidos à temperatura constante de 20 °C são comumente encontrados na literatura. Qual é o efeito da temperatura sobre a densidade de um líquido? Explique.

2. Compare a densidade calculada da água com as tabeladas na literatura. Quais os possíveis motivos das diferenças observadas?

3. Compare as densidades da água e da água saturada com sal, explique o motivo da diferença existente.

Densidade de Sólidos:

4. A temperatura afeta diferentemente as densidades dos distintos líquidos e sólidos. Para obter melhores resultados, seria importante que as temperaturas da água na proveta e do sólido fossem as mesmas antes de submergir o sólido? Explique sua resposta.

5. Compare seus resultados com os tabelados na literatura. Quais as possíveis causas das diferenças observadas?

6. Seria possível diferenciar uma joia feita de ouro de uma outra feita de ferro banhada em ouro utilizando um procedimento semelhante ao desta prática? Explique.

Viscosidade de Líquidos:

7. Como a temperatura afeta a viscosidade dos líquidos (Newtonianos)? Explique.

8. É possível usar só o tempo de escoamento para comparar a viscosidade dos líquidos? Explique.

OBJETIVOS

Efetuar cálculos para determinar o volume ou a massa necessária para preparar soluções aquosas ácidas e básicas. Preparar soluções aquosas a partir de um sólido PA (Pró-Análise) e de um reagente líquido; efetuar diluição e mistura de soluções.

INTRODUÇÃO

Uma solução é uma mistura ou dispersão homogênea de duas ou mais substâncias (soluto e solvente) cuja proporção pode variar dentro de certos limites. Quando dispersões apresentam diâmetro das partículas dispersas inferior a 10 Angstroms (10 Å), tem-se uma solução. Quando esse diâmetro se situa entre 10 e 10000 Å, tem-se dispersões coloidais. As soluções podem ser de vários tipos: líquido em líquido (l/l), sólidos em líquidos (s/l), sendo, estas duas, bastante comuns, mas há ainda gás em líquido (g/l), gás em gás (g/g) e soluções de sólidos em sólidos (s/s).

No preparo de uma solução, o soluto é a substância minoritária (disperso) e o solvente é o majoritário (dispersante) que está em maior proporção na mistura e dissolve o soluto. Geralmente, nos laboratórios de química, o solvente mais utilizado é a água destilada.

As soluções podem ser classificadas de acordo com as quantidades de soluto dissolvido, podendo ser insaturadas, saturadas ou supersaturadas. Para defini-las, é importante lembrar que a solubilidade de um soluto é a quantidade máxima deste que pode dispersar-se numa determinada quantidade de solvente a uma dada temperatura.

→ Solução insaturada ou não saturada é quando a quantidade de soluto adicionada é inferior a sua solubilidade numa dada temperatura.

→ Solução saturada é quando a quantidade de soluto dissolvido é igual a sua solubilidade numa dada temperatura.

→ Solução supersaturada é quando a quantidade de soluto dissolvido é maior que a sua solubilidade numa dada temperatura.

Para preparar uma solução concentrada ou diluída é muito importante definir a **concentração** da solução desejada. A concentração é a relação entre a quantidade (massa, volume, quantidade de matéria) de soluto e da quantidade de solvente. São exemplos de algumas unidades de concentrações mais usuais em química:

- Concentração em grama por litro (g/L)
- Concentração em mol por litro (mol/L)
- Composição percentual (% m/m, % m/V, % V/V)

Neste experimento, essas unidades de concentrações serão aplicadas para determinar a massa ou volume de ácido e base que serão utilizadas para preparar e diluir soluções aquosas.

Existem duas formas de pipetas: volumétrica (A) e graduada (B), de capacidades variadas, desde 0,1 mL até 100 mL. Para evitar erros de medidas na hora de dispensar o líquido, deve-se verificar, na parte superior da pipeta, se ela contém uma ou duas faixas. Pipeta com *uma faixa*, Figura 2.1 (A), significa que a medição é exata, de apenas uma quantidade específica do líquido, e, portanto, não deve ser escorrida completamente (uma gota restará na ponta da pipeta). Já a pipeta que apresenta *duas faixas* na parte superior, exemplo na Figura 2.1 (B), foi calibrada de tal maneira que sua capacidade total é atingida quando a última gota presente em seu interior for escorrida completamente para fora.

Para pipetar um líquido, será utilizado o pipetador de três vias de borracha, mais conhecido como “pera de sucção”. Seu funcionamento pode ser visto na Figura 2.2. Esse aparato possui três válvulas para passagem do ar: A, S e E. Ao ser pressionada a válvula A, ela se abre, permitindo retirar o ar do bulbo (fazer vácuo). Uma vez evacuado o bulbo, ao ser pressionada a válvula S, consegue-se succionar o volume desejado do líquido para dentro da pipeta. Em seguida, esse volume pode ser transferido, isto é, a pipeta pode ser esvaziada, pressionando-se a válvula E.

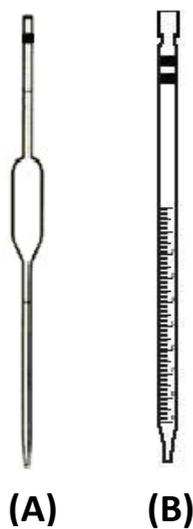
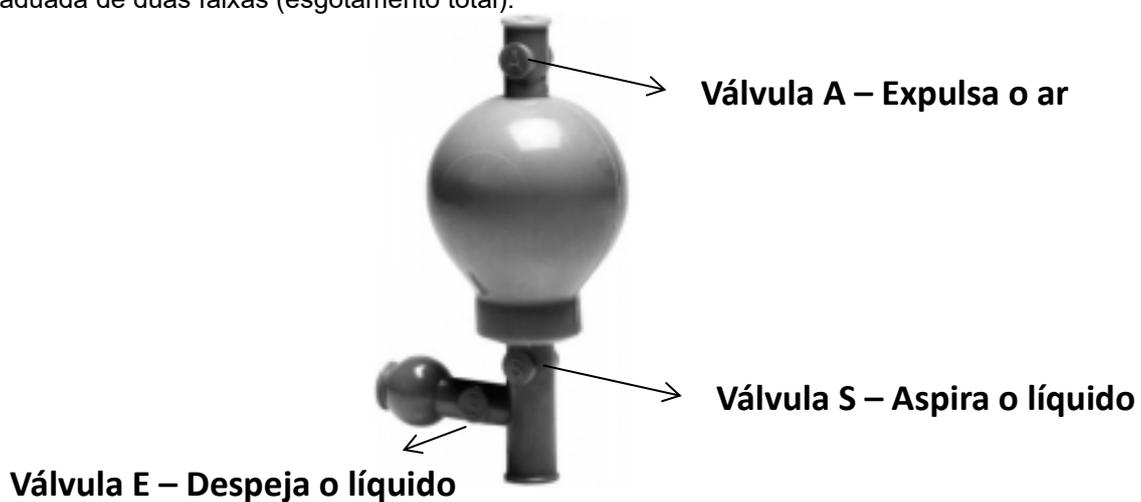
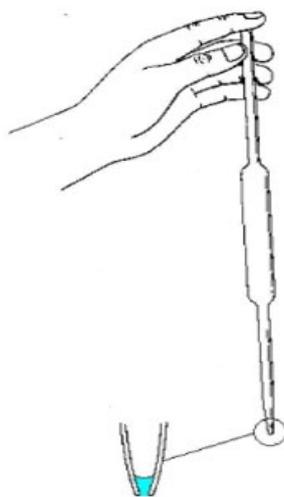


Figura 2.1 – Tipos de pipetas: em (A), uma pipeta volumétrica de uma faixa (medição exata); e, em (B), uma pipeta graduada de duas faixas (esgotamento total).



Retirada do líquido / enchendo a pipeta



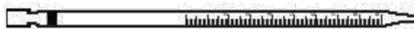
Detalhe da ponta da pipeta de uma faixa

Figura 2.2 - Utilização do pipetador de três vias de borracha.

PARTE EXPERIMENTAL

Materiais

- Balão volumétrico de 10 mL, de 25 mL e de 50 mL
- 1 Pisseta com água destilada
- Espátula
- Béqueres
- 1 Bastão de vidro
- 1 Pipetador de três vias (pera)
- Pipeta de Pasteur
- Pipeta graduada de 5 mL
- Pipeta volumétrica de 5 mL.



Reagentes

- Ácido Clorídrico 20% (d=1,09 g/mL)
- Sulfato de cobre sólido ($\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$)

PROCEDIMENTO

Parte 1: Preparo de 25 mL de uma solução de $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ 0,2 mol/L

Para preparar a solução de sulfato de cobre, consultar, no rótulo ou na tabela periódica, qual a massa molar (em g/mol) do sal. De posse dessas informações:

1. Calcule a massa de $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ necessária para preparar 25 mL de solução 0,2 mol/L. Observe que esse sal é hidratado e, portanto, considere essa informação no cálculo.
2. Pese a quantidade calculada de $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ em um vidro-relógio.
3. Transfira o sólido pesado para um béquer e lave repetidas vezes o vidro-relógio com pequenas porções de água destilada para recuperar todo o sulfato de cobre pesado, fazendo com que o líquido seja derramado dentro do béquer.
4. Acrescente mais um pequeno volume de água destilada ao béquer para dissolver o sólido.
5. Transfira a parte do sal dissolvido para um balão volumétrico de 25 mL. Repita os procedimentos 4 e 5 até que não haja mais sulfato de cobre no béquer. Mas, **ATENÇÃO**: cuidado para que a quantidade de água utilizada na dissolução do sal não ultrapasse o volume final desejado (25 mL). Por isso, é importante que as dissoluções sejam feitas com um mínimo de água.
6. Complete o volume da solução com água destilada até a marca da aferição do balão (menisco). Veja as Figuras 1 e 2 da página 9 da apostila.
7. Tampe o balão volumétrico e o inverta várias vezes com cuidado para que a solução seja homogeneizada.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Guarde a solução preparada em um frasco indicado pelo técnico, pois esta será utilizada no **Experimento 6!**

Parte 1B: Preparo de 10 mL de solução de $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ 0,1 mol/L a partir de uma solução estoque

Nessa etapa, será feita uma solução 0,1 mol/L de $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ a partir de uma diluição da solução estoque 0,2 mol/L anteriormente preparada. Para isso:

1. Calcule o volume necessário de solução estoque 0,2 mol/L necessário para se fazer a diluição em um balão volumétrico de 10 mL.

Lembre-se que a quantidade de matéria (n), dada em mol, do soluto é a mesma, antes e depois da diluição, já que não houve variação da massa do sulfato de cobre. Portanto: $n_{\text{inicial}} = n_{\text{final}}$

Condições	Inicial (solução estoque)	Final (solução diluída)
Concentração em quantidade de matéria (mol/L)	M_i	M_f
volume da solução (L)	V_i	V_f
mol de soluto	$n_i = M_i \cdot V_i$	$n_f = M_f \cdot V_f$

$$M_1 \cdot V_1 = M_2 \cdot V_2$$

- Com auxílio de pipetador de três vias e de uma pipeta volumétrica (verifique o volume desejado!), transfira o volume calculado para o balão de 10 mL.
- Complete o volume da solução com água destilada até a marca da aferição do balão (menisco).
- Tampe o balão volumétrico e o inverta várias vezes com cuidado para que a solução seja homogeneizada.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Guarde a solução preparada em um frasco indicado pelo técnico, pois esta será utilizada no **Experimento 10!**

Parte 3: Preparo de 50 mL de solução de HCl 1,0 mol/L

Para preparar uma solução de ácido clorídrico (HCl), inicialmente é importante consultar o rótulo do frasco que contém a solução concentrada para se obter a densidade (m/V) e a percentagem (m/m) do ácido no reagente concentrado. A partir desses dados:

- Calcule a massa de HCl necessária para preparar 50 mL de solução 1,0 mol/L e, depois, utilizando a densidade da substância, determine o volume da solução concentrada que contém essa massa. Consulte as informações no rótulo e faça os cálculos envolvidos para o preparo da solução. Procure o professor para mostrar os cálculos ou para ver como são feitos, caso não tenha conseguido.
- Com auxílio do pipetador de três vias e de uma pipeta, transfira o volume calculado de HCl para o balão volumétrico de 50 mL, **já contendo uma pequena quantidade de água destilada** (cerca de



20 mL). **ATENÇÃO:** Jamais adicione água a uma solução concentrada de ácido; sempre adicione o ácido concentrado à água. A adição de água ao ácido libera uma grande quantidade de calor que pode fazer com que o ácido respingue para fora do frasco.

- Complete o volume da solução com água destilada até a marca da aferição do balão.
- Tampe o balão volumétrico e o inverta várias vezes com cuidado para que a solução seja homogeneizada.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Guarde a solução preparada em um frasco indicado pelo técnico, pois esta será utilizada no **Experimento 5!**



REFERÊNCIAS

- Powlowsky, A.M.; Lemos de Sá, E.; Messerschmidt, I.; Souza, J.S.; Oliveira, M.A.; Sierakowski, M.R.; Suga, R. *Experimentos de Química Geral*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1994.
- Menham, J.; Denney, R.C.; Barnes, J.D.; Thomas, M.J.K. *Vogel Análise Química Quantitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- Atkins, P. *Princípios de Química*, 3ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. (Cap. Fundamentos-G, p. 70).
- Silva, R. R. da; Bocchi, N.; Rocha-Filho, R. C.; Machado, P. F. L. *Introdução à Química Experimental*. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos (EDUFSCar), 2ª Edição, 2014.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 2
PREPARO DE SOLUÇÕES

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

Preparo de solução com soluto sólido e solvente líquido:

- 1- Apresente os cálculos que você utilizou para a preparação de 25 mL da solução 0,2 mol/L de $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$:

- 2- Descreva, incluindo as vidrarias utilizadas no processo, como você procederia para preparar 250 mL de uma solução 0,02 mol/L de NaCl (considere 100% de pureza):

Preparo de solução com soluto líquido e solvente líquido:

- 3- Descreva como você prepararia 100 mL de solução de H_2SO_4 0,05 mol/L. Inclua as vidrarias e os cálculos para se chegar à concentração desejada. Dados do H_2SO_4 : Massa Molar = 98,079 g/mol; pureza = 98%; densidade = 1,84 g/mL.

Experimento 3

SÍNTESE DE UM COMPOSTO INORGÂNICO: SULFATO DE COBRE

OBJETIVOS

Realizar a síntese de um composto inorgânico (sólido cristalino) a partir de seu metal. Desenvolver técnicas de filtração e cristalização. Estudar a reatividade do composto sintetizado. Calcular o rendimento da reação.

INTRODUÇÃO

O sulfato de cobre (CuSO_4) é, provavelmente, o reagente de cobre mais comum. Sua estrutura pentahidratada ($\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$) apresenta-se na forma de cristais azuis, enquanto o sulfato de cobre anidro, obtido por meio do aquecimento do $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$, apresenta-se como cristais de coloração branca.

Na forma pentahidratada, o cobre (II) está ligado a quatro moléculas de água e aos átomos de oxigênio de dois ânions sulfato, apresentando uma estrutura octaédrica distorcida (Figura 3.1). A quinta molécula de água não está coordenada diretamente ao cobre, mas, sim, ligada aos ânions sulfato por meio de ligações hidrogênio. A geometria do $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ cristalino é triclinica. Entretanto, logo após sua síntese, o composto formado exibe uma estrutura um pouco mais desorganizada, apresentando-se em sua forma ordenada depois de algumas semanas.

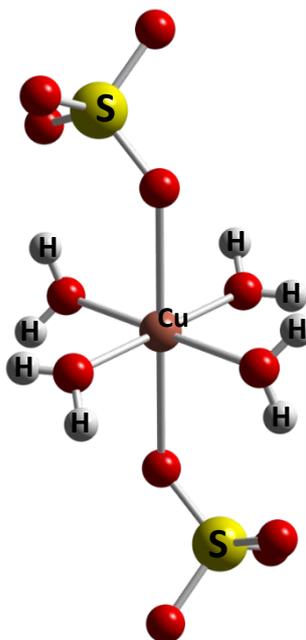
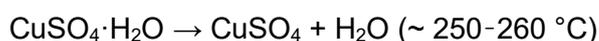
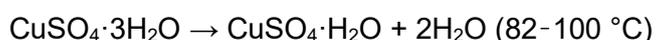


Figura 3.1: Modelo para a estrutura octaédrica distorcida do sulfato de cobre.

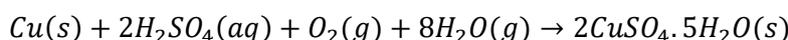
Ao se aquecer o $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ cristalino, as águas existentes na estrutura vão sendo liberadas, a depender da temperatura e da taxa do aquecimento, da concentração de vapor de água no ambiente e do tamanho da partícula que está sendo aquecida. Por isso, não há uma temperatura exata para esse processo de desidratação. De forma geral, quatro diferentes formas do sulfato de cobre já foram isoladas, cada uma com diferentes números de moléculas de água. Em temperatura ambiente, a forma pentahidratada é aquela mais estável, com os oxigênios dos grupos sulfato ligados fracamente ao íon cobre. As outras três configurações mais estáveis aparecem em consequência da desidratação do composto:



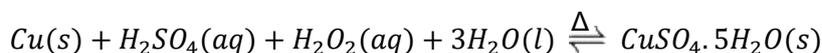
No progresso da desidratação do sulfato de cobre cristalino, os átomos de oxigênio advindos do ânion sulfato substituem as moléculas de água de forma a manter a coordenação octaédrica distorcida da molécula. Então, em sua forma anidra, o cobre está coordenado a seis átomos de oxigênio do sulfato: 4 oxigênios mais fortemente ligados, com distância de ligação de 1,9 a 2,0 Å, e outros dois oxigênios mais fracamente ligados, com distância de 2,4 Å. Portanto, estruturalmente, essa desidratação resulta em uma contração do cristal, na perda de água, em uma mudança no ambiente das ligações hidrogênio para as moléculas de água restantes e em uma deformação do grupo sulfato. A 560 °C aproximadamente, o sulfato de cobre anidro se decompõe para formar o óxido de cobre(II) (CuO).

No que diz respeito a suas principais aplicações, pode-se citar a utilização do sulfato de cobre pentahidratado como fungicida na agricultura, como algicida na manutenção de piscinas, como aditivo micronutriente em fertilizantes químicos, em rações animais e na eletrodeposição de cobre metálico para confecção de placas de circuitos integrados.

Trata-se de um composto industrialmente obtido a partir da reação entre o cobre metálico e o ácido sulfúrico na presença de oxigênio e vapor de água, a 150 °C, conforme a equação abaixo:



Entretanto, neste experimento, o sulfato de cobre pentahidratado será sintetizado sob condições mais brandas de temperatura, utilizando cobre metálico, ácido sulfúrico e água oxigenada em meio aquoso, conforme a equação:



LEITURA RECOMENDADA

Textos de química inorgânica (química do cobre); cálculo de rendimento (Atkins, P. *Princípios de Química*, 3ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. (p. 106 e cap. 5.8).

PARTE EXPERIMENTAL

Materiais e reagentes

- Equipamento banho-maria (90 °C)
- Béquer de 250 mL
- Funil de Büchner
- Trompa d'água para filtração a vácuo
- Kitassato
- Papel-filtro
- Placa de Agitação e barra magnética
- Estufa a 100 °C
- Proveta de 5 mL e 10 mL
- Ácido sulfúrico 10% (v/v)
- Água oxigenada (peróxido de hidrogênio – H₂O₂) 30% PA (**na capela**)
- Etanol (álcool etílico) PA gelado
- Gelo
- Cobre em pó ou limalha de cobre

PROCEDIMENTO

1. Pese **0,40 g** de cobre em pó (ou limalha de cobre) em um béquer de 250 mL (anote exatamente a massa pesada).
2. Adicione 10 mL de ácido sulfúrico diluído (10%).
3. Na capela, adicione 5 mL de água oxigenada PA. Agite a mistura lentamente e aguarde até que todo o gás seja desprendido da mistura reacional.
4. Deixe a mistura em banho-maria (80-90 °C) até dissolução completa do cobre.

Obs.: Se o cobre não estiver completamente dissolvido após 15 minutos, adicione algumas gotas de H₂O₂ concentrado (na capela!) e continue aquecendo. Se após 25 minutos, desde o início da reação, ainda sobrar cobre metálico, separe a solução por decantação.

5. Deixe evaporar a solução sobre o banho-maria até um volume de aproximadamente 10 mL.
6. Após a evaporação da solução, retire-a do banho-maria e a deixe esfriar até temperatura ambiente.
7. Para cristalizar seu produto, o $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$, existem diferentes procedimentos. O professor irá dividir os grupos que farão cada um dos métodos descritos abaixo.
8. Após a cristalização feita com um dos métodos abaixo, **pese um vidro-relógio e anote sua massa**. Em seguida, transfira o sulfato de cobre sólido para o vidro-relógio e leve o produto à estufa (~ 100 °C) para secagem durante 5 a 10 minutos. OBS.: procure distribuir homogêaneamente o sólido por toda a superfície do vidro-relógio, pois isso facilita a remoção da água e do etanol dos cristais, acelerando o processo de secagem.
9. Passado o tempo estipulado para secagem, **com cuidado**, retire o vidro-relógio contendo o sulfato de cobre da estufa (utilize luvas de proteção contra o calor!) e aguarde seu resfriamento. Verifique se o sólido já se encontra aparentemente mais seco (mais esbranquiçado) (**Por que há variação na cor dos cristais após a secagem?**).
10. Na mesma balança em que foi pesado o vidro-relógio, pese-o com o sólido, subtraia o valor da massa do vidro e calcule o rendimento do sulfato de cobre obtido.

Método de Cristalização 1: Com o auxílio de uma proveta de 25 mL, adicione 15 mL de etanol PA gelado à solução fria sob agitação (em placa de agitação com barra magnética). Após 5 minutos de agitação com etanol, colete o precipitado (sólido) por filtração a vácuo em um funil de Büchner ou por filtração por gravidade em funil analítico até que os cristais estejam secos.

- ✓ Para proceder com a **filtração a vácuo**, conecte o kitassato provido de um funil de Büchner à mangueira de água. Corte um círculo de papel de filtro cujo diâmetro deve ser de 1 a 2 mm menor que o diâmetro interno do funil de Büchner. Coloque o papel no funil de modo a cobrir seus orifícios, mas sem chegar até as paredes dele. Ligue a trompa de água, coloque um pouco de etanol no papel de filtro para aderi-lo ao funil. A mistura, ainda no béquer, deve ser agitada para que as partículas sólidas sejam dispersas por todo o líquido. Isso fará com que o sólido seja despejado mais facilmente e ajudará a evitar que partículas sólidas fiquem presas no fundo do béquer. Após a agitação do béquer, efetue a filtração vertendo a mistura sobre o funil de Büchner contendo o papel de filtro. Lave quaisquer resíduos de sólido no béquer e adicione a mistura residual ao funil. Ao final, lave também o produto sólido com **5 mL de etanol gelado** (*não se pode lavar o sólido $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ com água, por quê?*). Apenas colete o sólido quando ele estiver bem seco (verifique se a haste do funil ainda possui líquido sendo gotejado). Antes de fechar a torneira da trompa de água, libere a pressão interna formada desconectando o funil do kitassato cuidadosamente.
- ✓ Para proceder com a **filtração por gravidade**, recorte um círculo de papel de filtro e faça uma dobradura conforme mostra a Figura 3.2 abaixo. Coloque o funil analítico contendo o papel dobrado acima de um frasco Erlenmeyer com um anel de ferro acoplado a um suporte (veja a imagem da montagem na Figura 3.2 à direita). A mistura, ainda no béquer, deve ser agitada para que as partículas sólidas sejam dispersas por todo o líquido. Isso fará com que o sólido seja despejado mais facilmente e ajudará a evitar que partículas sólidas fiquem presas no fundo do béquer. Após a agitação do béquer, efetue a filtração, despejando lentamente a mistura no centro do papel de filtro dobrado, de forma a evitar respingos e/ou transbordamentos do papel de filtro. Deixe o filtrado escorrer e repita o procedimento até que toda a mistura tenha sido separada. O sólido deve ficar retido no papel de filtro e o filtrado será recolhido no frasco Erlenmeyer. Lave quaisquer resíduos de sólido no béquer e adicione a mistura residual ao funil. Ao final, lave também o produto sólido com **5 mL de etanol gelado** (*não se pode lavar o sólido $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ com água, por quê?*). Apenas colete o sólido quando ele estiver bem seco.

Obs.: A solução que ficou no kitassato ou no frasco Erlenmeyer deve ser colocada em um recipiente designado pelo técnico.

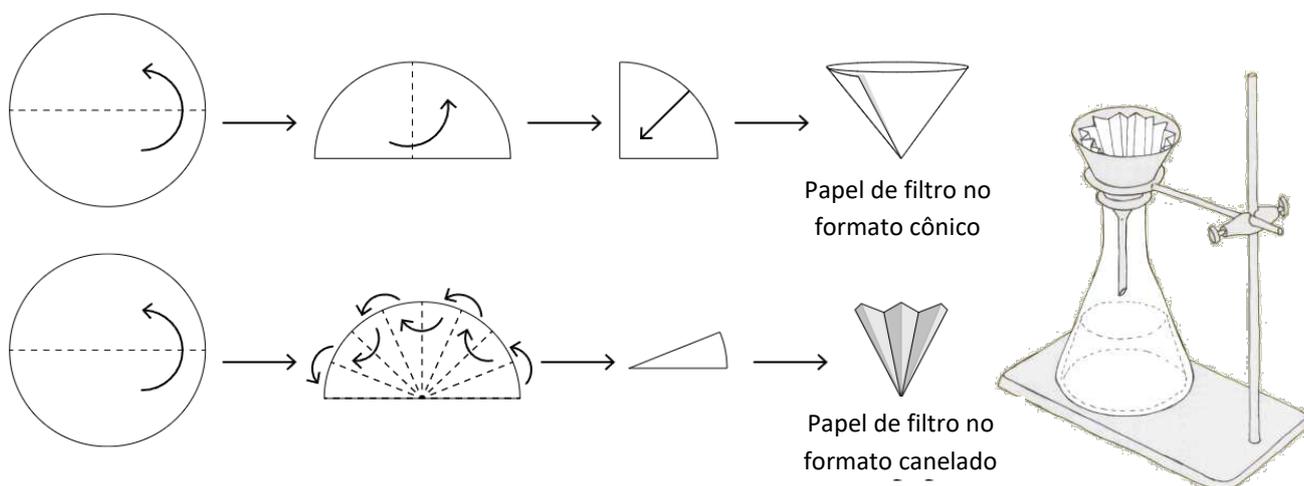


Figura 3.2: Duas formas de dobradura do papel de filtro para se proceder com a filtração por gravidade: no primeiro caso, o papel de filtro é dobrado no formato cônico e, no segundo, a dobradura é feita para se obter um papel canelado. Para proceder com a filtração por gravidade, pode-se escolher uma das duas maneiras. O papel canelado fornece uma área de superfície maior pela qual o filtrado pode passar, o que acelera o processo de filtração.

Método de Cristalização 2: Adicione 10 mL de etanol PA gelado e coloque o béquer em banho de gelo. Cristais azuis milimétricos irão se formar no fundo do béquer após alguns minutos. Após aproximadamente 30 minutos, colete o precipitado por filtração a vácuo em um funil de Büchner ou por filtração por gravidade em funil analítico fazendo o mesmo procedimento de filtração e lavagem com etanol descrito no Método 1.

Obs.: A solução que ficou no kitassato ou no frasco Erlenmeyer deve ser colocada em um recipiente designado pelo técnico.

Método de Cristalização 3: Guarde a solução em um recipiente aberto até a próxima sessão de laboratório. Cristais triclinicos grandes e azuis de sulfato de cobre pentahidratado serão formados a partir da evaporação lenta da água. **Obs.:** Apenas um grupo fará esse método e acompanhará o processo de filtração/lavagem do sólido com outros colegas.

 **DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS:** As soluções de sulfato de cobre puras devem ser colocadas em frasco específico designado pelo técnico, pois podem ser reaproveitadas. O sulfato de cobre cristalizado será recolhido para ser usado como insumo em outros experimentos. Sobras de cobre em pó em meio ácido de misturas que não reagiram devem ser recolhidas em outro recipiente como resíduos de cobre.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 3
SÍNTESE DE UM COMPOSTO INORGÂNICO: SULFATO DE COBRE

EQUIPE

Nome _____	Matrícula _____
Nome _____	Matrícula _____

1. Qual a função do peróxido de hidrogênio (H_2O_2) e do H_2SO_4 nessa síntese? Explique.

2. Demonstre os cálculos feitos para se determinar o rendimento do $CuSO_4 \cdot 5H_2O$ sintetizado. Houve grande discrepância em relação ao rendimento teórico esperado? Por quê?

3. Quais as diferenças entre os diferentes métodos de cristalização para obtenção do sulfato de cobre sólido? Quais as vantagens e desvantagens desses métodos e como eles interferem no tamanho dos cristais?

4. Qual a explicação para a variação de cor observada após a secagem do sulfato de cobre em estufa a $100\text{ }^\circ\text{C}$?

OBJETIVOS

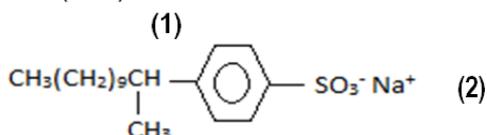
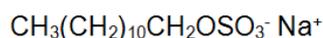
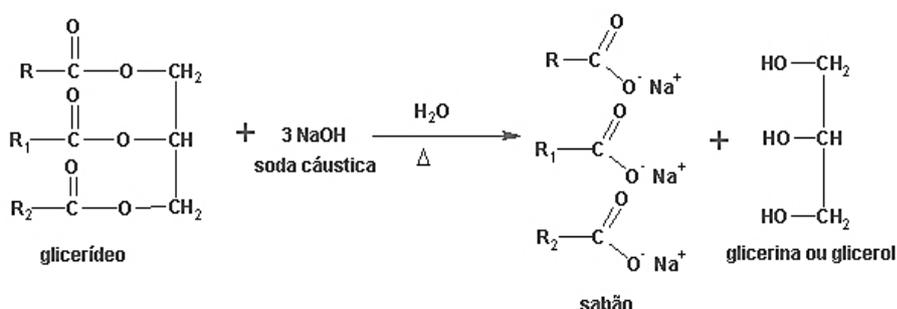
Conhecer algumas propriedades de detergentes de uso doméstico. Identificar alguns componentes em detergentes comerciais e conhecer suas funções.

INTRODUÇÃO

O termo **detergente**, deduzido do verbo latino “*detergere*” (limpar, esfregar), refere-se a materiais químicos que facilitam o processo de lavagem, ou seja, remoção de sujeiras.

O **sabão** representa o exemplo mais conhecido de um detergente, visto que sua utilização é conhecida

há mais de 2000 anos. O sabão comum é uma mistura de sais sódicos de diversos ácidos carboxílicos de cadeia longa, tais como o palmitato de sódio $\text{CH}_3(\text{CH}_2)_{14}\text{COO}^- \text{Na}^+$ ou estearato de sódio $\text{CH}_3(\text{CH}_2)_{16}\text{COO}^- \text{Na}^+$, produzidos pela reação de óleos ou gorduras, com soda cáustica. Esse processo, também denominado de saponificação, pode ser representado pela equação geral abaixo, onde R é uma cadeia carbônica longa, com 12 à 18 átomos, e o glicerídeo pode ser gordura ou óleo.

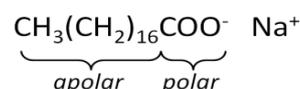
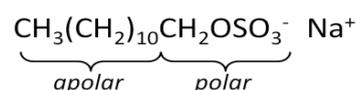


A função do sabão no processo de lavagem baseia-se na sua propriedade **tensoativa** ou **surfactante**, isto é, a capacidade de diminuir a tensão superficial da água, facilitando, assim, a penetração da água nos tecidos das roupas. Os componentes tensoativos dos detergentes modernos geralmente são produzidos

em larga escala industrial a partir do petróleo ou gás natural. Exemplos de surfactantes sintéticos são os alquilsulfatos de sódio (1) e os alquilbenzenosulfonatos de sódio (2) de cadeia linear, os quais, ao contrário de seus antecessores de cadeia ramificada, são mais facilmente biodegradáveis.

Os detergentes modernos são misturas complexas que, além de surfactantes, contêm diversos componentes aditivos com funções coadjuvantes no processo de lavagem (sequestrantes, alvejantes, esbranquiçadores, espumantes, perfumes etc.).

Tanto os sabões como os surfactantes sintéticos apresentam moléculas que possuem uma extremidade polar, ou hidrofílica, sendo o restante da molécula apolar, ou hidrofóbico (lipofílico). Nos sabões, a propriedade polar é gerada por um grupo carboxilato ($-\text{CCO}^-$) e, em detergentes sintéticos, por grupos sulfatos ($-\text{OSO}_3^-$) ou sulfonatos ($-\text{SO}_3^-$), dentre outros. A parte lipofílica geralmente é representada por cadeias hidrocarbônicas lineares $[\text{CH}_3(\text{CH}_2)_n]$.



Seria esperado que esses sais fossem solúveis em água e formassem “soluções”.

Entretanto, quando se mistura água e sabão, por exemplo, forma-se uma **dispersão coloidal** e não uma solução verdadeira. Tais dispersões, também conhecidas como **emulsões**, contêm agregados esféricos de moléculas chamados **micelas**, cada um dos quais contendo centenas de moléculas de sabão

Representação Esquemática:

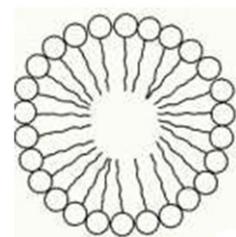
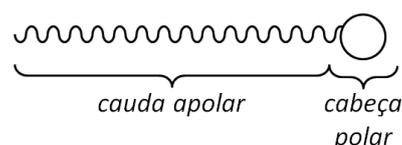


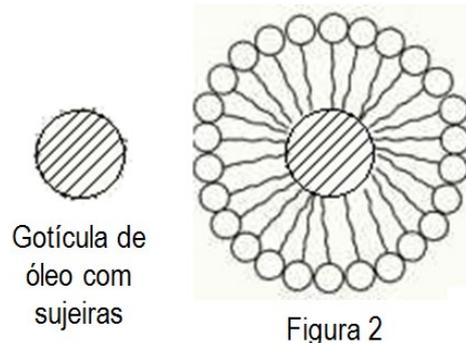
Figura 1

(Figura 1). De acordo com a regra empírica “semelhante dissolve semelhante”, quando

ocorre o contato da gordura com o tensoativo, as extremidades apolares do surfactante se voltam para o centro da micela, englobando a gordura, enquanto a parte polar das moléculas fica voltada para o exterior da micela, em contato direto com o ambiente polar do solvente, no caso, a água. As micelas permanecem

coloidalmente dispersas na água sem qualquer tendência a precipitarem, pois existe uma repulsão eletrostática entre as superfícies externas carregadas.

Moléculas como as de sabão ou de detergentes sintéticos, que possuem extremidades polares e apolares e são grandes o suficiente para apresentarem um comportamento diferenciado no que diz respeito à solubilidade, são simultaneamente hidrofóbicas e hidrofílicas, são denominadas **anfifílicas** ou **anfipáticas**. A extremidade polar destas moléculas é atraída pela água. A parte apolar é repelida pela água e atraída por óleos e gorduras (Figura 2). Como a maioria das sujeiras nas roupas ou na pele está aderida a uma fina camada de óleo, gordura, ou, ainda, graxa, se essa fina camada de óleo puder ser removida, as partículas de sujeira podem ser drenadas pela água.



A redução da tensão superficial da água se deve ao fato das moléculas anfifílicas se posicionarem na superfície da "solução" com a extremidade polar submersa e a parte apolar, hidrofóbica, flutuando acima da superfície (Figura 3). Tal orientação destrói a teia de moléculas de água, altamente associadas por ligações hidrogênio na superfície do líquido.

A composição química da água pode variar conforme as características geológicas de cada região e, eventualmente, dificultar o processo de lavagem. Por exemplo, águas "duras", isto é, ricas em íons Ca^{2+} e Mg^{2+} , ou ainda ferruginosas, que contém uma alta concentração de íons de ferro, tendem a formar carboxilatos, sulfatos ou sulfonatos de Ca^{2+} , Mg^{2+} , Fe^{2+} ou Fe^{3+} em contato com as moléculas tensoativas. Tais compostos são pouco solúveis em água e têm a tendência de aderir aos tecidos, tornando a roupa lavada áspera. O efeito desagradável destes cátions é evitado

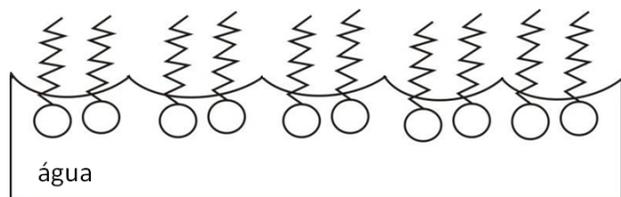


Figura 3

pela adição de tripolifosfato de sódio ($\text{Na}_5\text{P}_3\text{O}_{10}$). A função principal desse fosfato é agir como **sequestrante**, isto é, formar complexos solúveis com os cátions Ca^{2+} , Mg^{2+} , Fe^{3+} etc., presentes nas águas. Outro efeito do fosfato é preservar a alcalinidade desejável durante o processo de lavagem, além de cooperar na formação de micelas. Todavia, o fosfato procedente dos detergentes de uso doméstico, transportado através de esgotos aos rios e lagos, cria um sério impacto ambiental. O fosfato é um nutriente mineral essencial para os vegetais e, por isso, favorece o crescimento de plantas aquáticas, especialmente algas. Por sua vez, o crescimento exagerado desses vegetais implica no decréscimo dos níveis de oxigênio disponível no sistema aquático, inviabilizando a sobrevivência de peixes e outros animais. O sistema ecológico entra em colapso (**eutrofia**), processo este conhecido como **eutrofização**. Por esse motivo, o fosfato em detergentes está sendo substituído por outros componentes, como, por exemplo, pelas zeólitas, materiais aluminossilicatos porosos.

Muitos detergentes eficientes não formam espuma em água. Experimentos provaram que a formação de espuma não é uma propriedade indispensável para a função detergente. Entretanto, como o consumidor associa a formação de espuma com a capacidade de limpar, os produtores em geral adicionam agentes espumantes à composição dos produtos.

Já os alvejantes são substâncias que eliminam manchas de origem vegetal (frutas e verduras, sucos, vinho tinto etc.). A maioria deles são oxidantes fortes que têm ação destrutiva sobre substâncias facilmente oxidáveis como os corantes vegetais (oxidação irreversível). Entretanto, os alvejantes não são capazes de eliminar manchas ferruginosas ou de sangue. Um alvejante comum e muito potente é a água sanitária, cujo componente ativo é o hipoclorito de sódio (NaOCl). Alvejantes mais brandos, geralmente peróxidos (perborato ou peroxocarbonato de sódio), são utilizados como aditivos em detergentes lava-roupa.

LEITURA RECOMENDADA

Detergentes, surfactantes, sabão, alvejantes, coloides, tensão superficial, micelas.

Atkins, P. *Princípios de Química*, 3ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. (Cap. 8, p. 394 e 395).

Experimento retirado e modificado da referência: Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher, 2004.

PARTE EXPERIMENTAL

Objetos de Estudo: Diversos detergentes comerciais, incluindo sabão comum, detergentes lava-louça e detergentes do tipo lava-roupa, de fabricantes diferentes, que serão disponibilizados em forma de soluções decantadas a 1%.



ATENÇÃO: EVITE CONTAMINAÇÕES! Nunca coloque a pipeta (ou outro material) dentro do frasco que contém a solução-estoque! Reserve uma parte da solução em um béquer e lave sempre seus instrumentos de medição e transferência quando for trabalhar com uma substância diferente.

Parte 1: Estudo do Efeito de Detergentes sobre a Tensão Superficial da Água

Materiais

- 2 Placas de Petri 
- Béquer 100 mL 
- 1 pedaço de flanela seca
- Espátula 
- Pipeta Pasteur de plástico 

Reagentes

- Óleo Comestível
- Soluções de detergentes a 1% preparadas pelo técnico
- Carvão ativo

PROCEDIMENTO

A

1. Sobre um pedaço de flanela seca, aplique uma gota de água da torneira e, ao lado, na mesma flanela, uma gota da **solução** de um detergente a sua escolha (**solução preparada pelo técnico e disponibilizada nas bancadas**). Observe e explique o comportamento das duas gotas.

B

1. Preencha um béquer de 100 mL (ou de volume similar) pela metade com água da torneira.
2. Espalhe um pouco (bem pouco!!! - uma ponta **rasa** de espátula) de carvão ativo sobre a superfície de água, sem agitar.
3. Escolha qualquer uma das soluções de detergentes disponíveis e, com o auxílio de uma pipeta de Pasteur, adicione três gotas da solução de detergente ao béquer.
4. Observe/explique o comportamento das partículas sólidas.

C

1. Em uma placa de Petri, adicione uma solução de um detergente a sua escolha. A quantidade de líquido a ser colocada deve ser suficiente para cobrir apenas o fundo da placa.
2. Em outra placa de Petri, adicione água da torneira o suficiente para cobrir o fundo da placa.
3. Adicione, com o auxílio de uma pipeta de Pasteur, uma gota de óleo comestível em cada uma das placas.
4. Observe e comente o comportamento do óleo nos dois casos.

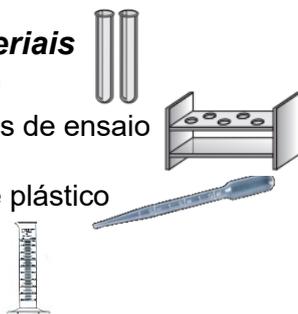


DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: O pedaço de flanela utilizado pode ser descartado no lixo comum. O carvão recebe tratamento especial e pode ser reaproveitado. Coloque a mistura (carvão+água+detergente) no recipiente indicado na área de RESÍDUOS do laboratório.

Parte 2: Emulsificação de Óleos

Materiais

- 2 tubos de ensaio
- Estante para tubos de ensaio
- Pipeta Pasteur de plástico
- Proveta de 5 mL



Reagentes

- Óleo Comestível
- Solução de detergente a 1% (qualquer um disponível)

PROCEDIMENTO

1. Com o auxílio de uma proveta, coloque 5 mL de água em um tubo de ensaio e 5 mL de solução de um detergente à sua escolha em outro tubo.
2. Adicione 15 gotas de óleo comestível a cada um dos tubos.
3. Agite os tubos vigorosamente.
4. Coloque os tubos em repouso e observe o efeito da emulsificação (não considere a formação de espuma).

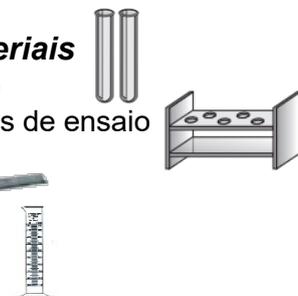


DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os resíduos de óleo devem ser descartados em recipiente adequado, disponível na área de RESÍDUOS do laboratório.

Parte 3: Suspensão de Partículas Sólidas

Materiais

- 2 tubos de ensaio
- Estante para tubos de ensaio
- Espátula
- Proveta de 5 mL



Reagentes

- Carvão ativo
- Solução de detergente a 1% (qualquer um disponível)

PROCEDIMENTO

1. Com o auxílio de uma proveta, coloque 5 mL de água em um tubo de ensaio e 5 mL de solução de um detergente à sua escolha em outro tubo.
2. Adicione uma pequena pitada de carvão ativado aos dois tubos. **Atenção!** Colocar uma quantidade muito grande do carvão irá impedir uma melhor visualização do efeito que se deseja observar.
3. Agite os tubos, coloque-os em repouso e observe a sedimentação das partículas.
4. Descreva e explique o efeito do detergente sobre a sedimentação das partículas.

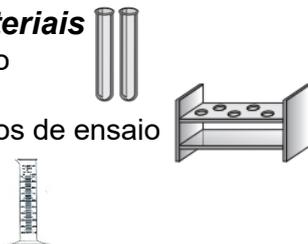


DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os resíduos de carvão devem ser descartados em recipiente indicado na área de RESÍDUOS do laboratório.

Parte 4: Alcalinidade

Materiais

- 5 tubos de ensaio
- Estante para tubos de ensaio
- Proveta de 5 mL



Reagentes

- Indicadores Fenolftaleína e Azul de Bromotimol
- Solução de detergentes a 1% (preparadas pelo técnico):
- 1 sabão comum, 2 detergentes lava-louça e 2 lava-roupas de fabricantes diferentes.

PROCEDIMENTO

1. Separe 5 tubos de ensaio e, com o auxílio da proveta, adicione 2 mL de água destilada em cada um.
2. Em cada tubo com água, adicione 2 gotas do indicador fenolftaleína.
3. Acrescente 5 gotas de uma solução de detergente lava-louças em um dos tubos preparados com água e indicador. Esse será o Tubo 1.
4. Acrescente 5 gotas de uma segunda solução de detergente lava-louças em outro tubo contendo água e indicador. Esse será o Tubo 2.
5. Acrescente 5 gotas de uma solução de detergente lava-roupas em outro tubo contendo água e indicador. Esse será o Tubo 3.
6. Acrescente 5 gotas de uma segunda solução de detergente lava-roupas em outro tubo contendo água e indicador. Esse será o Tubo 4.
7. Acrescente 5 gotas de uma solução de sabão comum em outro tubo contendo água e indicador. Esse será o Tubo 5.
8. Observe e interprete a reação de acordo com o ponto de viragem e com a variação de cor, como mostrado na Tabela 4.1.
9. Caso haja dúvida quanto à alcalinidade ou acidez de algum dos detergentes, utilize o indicador azul de bromotimol.

Tabela 4.1: Faixa de viragem e cores dos indicadores que serão utilizados nessa prática.

Indicador	Cores		pK_a	pH de viragem
Azul de bromotimol	Amarelo (pH < 7,1)	Azul (pH > 7,1)	7,1	7,1 ± 1,0
Fenolftaleína	Incolor (pH < 8,4)	Rosa (pH > 8,4)	8,4	8,4 ± 1,0

Nas Figuras 4.1 e 4.2, podem ser vistas as estruturas químicas da fenolftaleína e do azul de bromotimol em suas duas formas, ácida e básica, em solução aquosa.

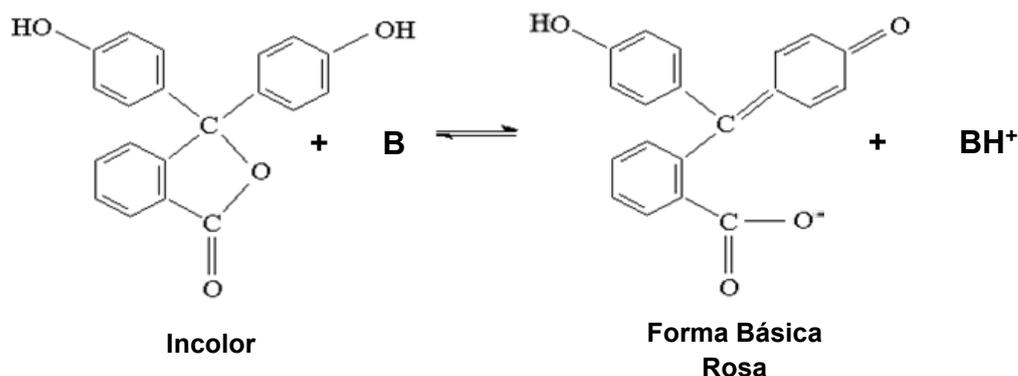


Figura 4.1 - Estrutura química da fenolftaleína antes e após o pH de viragem.

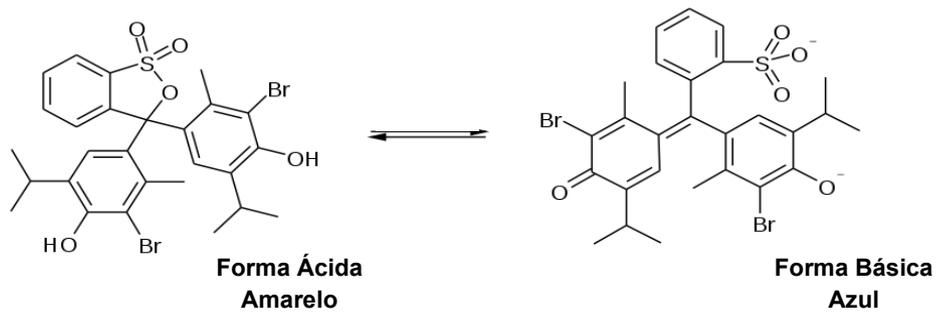


Figura 4.2 - Estrutura química do azul de bromotimol antes e após o pH de viragem.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os resíduos podem ser diluídos em água e descartados na pia.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 4
ESTUDO DE DETERGENTES

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

Efeito do Detergente sobre a Tensão Superficial da Água:

1. No que diz respeito ao procedimento A, explique o comportamento das gotas de água e detergente sobre a flanela.

2. No que diz respeito ao procedimento B, explique o comportamento da partícula sólida antes e após a adição de detergente.

3. No que diz respeito ao procedimento C, compare o comportamento das gotas de óleo e explique.

Emulsificação de Óleos:

4. Explique o que é emulsão e comente sobre o papel do detergente para evitar a coagulação do óleo.

Suspensão de Partículas Sólidas:

5. Descreva e explique o efeito do detergente sobre a sedimentação das partículas.

Alcalinidade:

- 6. Indique a coloração de cada solução de detergente utilizada após a adição dos indicadores, explicando se a solução é ácida, básica ou neutra.

- 7. Por que um detergente do tipo lava-roupa deve ser fracamente alcalino?

Aplicações dos Tensoativos:

- 8. Como visto, os tensoativos são moléculas que apresentam afinidades tanto por substâncias apolares (óleos e gorduras, por exemplo) como por aquelas polares (como a água). Essa característica de poder pertencer aos dois meios permite que um tensoativo seja utilizado para agregar fases imiscíveis, formando emulsões, espumas, suspensões etc. Por isso, suas aplicações vão além daquela de servir como detergente para lava-roupas ou lava-louças. Pesquise uma aplicação para os tensoativos que esteja relacionada com sua área de formação e forneça detalhes explicando como e onde ele é empregado, como suas propriedades são utilizadas dentro da aplicação pesquisada etc.

OBJETIVO

Obter uma noção sobre efeitos térmicos que acompanham processos químicos: reações exotérmicas e endotérmicas.

INTRODUÇÃO

Geralmente, processos de mudanças de estado físico e reações químicas ocorrem acompanhados por mudanças de energia. Processos e reações espontâneos são aqueles que fornecem energia. Uma parte dessa energia se manifesta em forma de efeitos térmicos (variação de temperatura). Lembre-se que as mais importantes fontes de energia consumida no lar, nas indústrias e na locomoção correspondem ao calor produzido pela queima de combustíveis convencionais, como lenha, carvão, petróleo e derivados, gás natural etc.

Processos que produzem calor são chamados **exotérmicos** e processos que consomem calor são chamados **endotérmicos**. A maioria das reações químicas espontâneas é exotérmica.

Alguns exemplos de processos exotérmicos e endotérmicos:

- O derretimento de gelo (mudança de estado físico sólido → líquido) consome calor, portanto é um processo endotérmico.
- A evaporação de água (mudança de estado físico líquido → gás) consome calor, portanto é um processo endotérmico.
- A condensação de vapor de água (mudança de estado físico gás → líquido) fornece calor, portanto é um processo exotérmico.
- A combustão de metano (reação química com oxigênio) produz calor, portanto é uma reação exotérmica.
- A detonação de nitroglicerina (reação química de combustão interna) produz calor, portanto é uma reação exotérmica.
- A síntese de amoníaco (reação química entre nitrogênio e hidrogênio) ocorre com liberação de calor, portanto é uma reação exotérmica: $\frac{1}{2}\text{N}_2(\text{g}) + \frac{3}{2}\text{H}_2(\text{g}) \rightarrow \text{NH}_3(\text{g}) \quad \Delta H = -46,1 \text{ kJ/mol}$.

A quantidade de calor liberada ou consumida por um processo de transformação física ou química é denominada entalpia do processo ou ΔH . O símbolo Δ (delta) indica que a grandeza é deduzida pela diferença entre dois outros valores: a entalpia do estado inicial e a entalpia do estado final.

Em um processo endotérmico a entalpia do sistema cresce (calor é absorvido do ambiente), portanto ΔH é positivo. Convenientemente, a variação de entalpia em reações químicas ΔH é expressa em unidades de quantidade de calor por mol de substância transformada, ou kJ/mol. Na seguinte reação de combustão do metanol, a entalpia de combustão do metanol é igual a -890 kJ/mol.



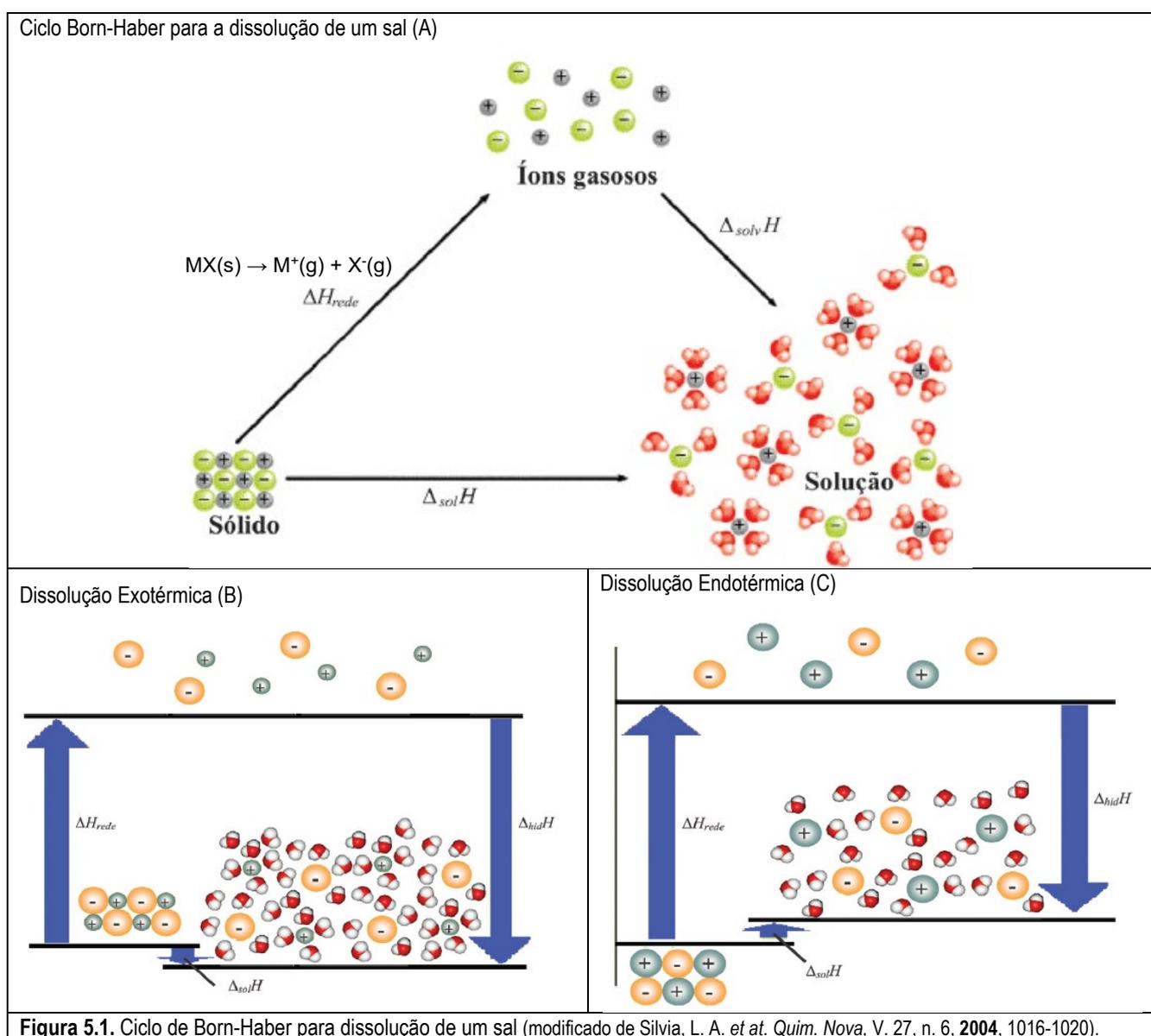
Observe que, pela estequiometria dessa reação, para cada mol de metanol transformado, são consumidos 3/2 mols de oxigênio e são formados um mol de gás carbônico e dois mols de água.

Veja como ocorre o processo de dissolução de sais em água por meio do esquema da **Figura 5.1**. Para que um composto iônico se dissolva em um dado solvente, a atração eletrostática entre os íons no retículo deve ser superada e as interações solvente-solvente devem ser perturbadas, modificando sua estrutura nas proximidades desses íons. Portanto, a capacidade de dissolução de um sal é bastante influenciada pela chamada entalpia de dissolução, isto é, o calor envolvido na dissolução de uma substância em um dado solvente à pressão constante.

Dessa forma, na Figura 5.1, tem-se, em (A), um ciclo de Born-Haber para a dissolução de sais, em que a entalpia de dissolução pode ser determinada pelo balanço energético das etapas teóricas envolvidas na formação da solução. A entalpia de rede (ΔH_{rede}) é um processo energeticamente desfavorável, que

considera a separação “infinita” dos íons do retículo cristalino, ou seja, trata-se da entalpia de reação para a formação de um gás de íons a partir de um sólido cristalino. Já a entalpia de solvatação ($\Delta_{\text{solv}}H$) é um processo energeticamente favorável, mas nem sempre é suficiente para superar as forças atrativas entre os íons no cristal.

Assim, em um processo de dissolução exotérmica (Figura 5.1-B), a energia de rede é superada pela entalpia de solvatação e as interações soluto-soluto (íon-íon) e solvente-solvente (dipolo-dipolo) são menos intensas que o somatório das interações soluto-solvente (íon-dipolo). Portanto, a entalpia de dissolução será negativa ($\Delta_{\text{sol}}H < 0$) e, macroscopicamente, registra-se um aumento de temperatura. Além disso, processos dessa natureza tendem a ser espontâneos ($\Delta G = \Delta H - T\Delta S < 0$), a depender da entropia (ΔS) do sistema. Já em uma dissolução endotérmica (Figura 5.1-C), a dissolução do composto iônico em água será positiva ($\Delta_{\text{sol}}H > 0$), pois somente a energia de solvatação não será suficiente para superar as forças atrativas entre os íons. Quando isso ocorre, torna-se necessário realizar trabalho (W) para separá-los, gastando a energia do próprio sistema e, por isso, pode ser verificada uma diminuição da temperatura. Se o valor de $\Delta_{\text{sol}}H$ for muito positivo e a entropia do sistema (ΔS) não o compensar ($\Delta G = \Delta H - T\Delta S > 0$), o composto iônico será insolúvel.



LEITURA RECOMENDADA

Textos de química geral: termoquímica, processos exotérmicos e endotérmicos.

Experimento retirado e modificado da referência: Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher; 2004.

PARTE EXPERIMENTAL

Nos diversos experimentos deste roteiro observamos os efeitos térmicos de diversas reações em soluções aquosas através das variações de temperatura, utilizando o termômetro. Nas condições experimentais indicadas, variações de temperatura inferiores a 1 °C são insignificantes e devem ser desprezadas.

Materiais comuns para todas as partes da prática:

- Tubos de ensaio 
- Estante para tubos de ensaio 
- Termômetro 
- Proveta de 5 mL e 10 mL



Atenção! Termômetros devem ser tratados com o devido cuidado, para evitar sua quebra. Para isso, não os utilize para agitar e dissolver as misturas. Em caso da eventual quebra de um termômetro, devem ser tomadas providências para recolher o mercúrio (consulte o professor ou o técnico), a fim de evitar a contaminação do laboratório com vapores tóxicos de mercúrio.

Parte 1: Entalpia de Solubilização ou Hidratação de Substâncias Sólidas

Reagentes específicos* (sólidos disponíveis ao lado das balanças)

cloreto de sódio (NaCl)	nitrato de sódio (NaNO ₃)	carbonato de sódio anidro (Na ₂ CO ₃)
cloreto de potássio (KCl)	nitrato de potássio (KNO ₃)	carbonato de sódio hidratado (Na ₂ CO ₃ ·10H ₂ O)
cloreto de amônio (NH ₄ Cl)	nitrato de amônio (NH ₄ NO ₃)	
cloreto de cálcio anidro (CaCl ₂)		

PROCEDIMENTO

1. O professor deve indicar a série de sais com a qual cada grupo irá trabalhar.
2. Coloque 10 mL de água destilada em um tubo de ensaio. Cuidado para não aquecer a água do tubo com o calor emanado das mãos!
3. Insira um termômetro e anote a temperatura da água (T_i).
4. Calcule a quantidade de massa de sal a ser adicionada ao tubo, de forma que todos os tubos contenham 0,01 mol do sal. Lembre-se que a quantidade de matéria (*n*, em mol) é dada por: $n = \frac{m}{MM}$. Onde “*m*” é a massa do sal, em gramas (g), a ser pesada e “*MM*” é a massa molar do composto, em g/mol.
5. Pese, utilizando a balança, a quantidade de massa de sal calculada anteriormente em um béquer pequeno, por exemplo de 50 mL, ou em um papel manteiga, ou em uma barqueta para pesagem, que devem estar **limpos e secos**.
6. Transfira, **rapidamente**, todo sólido para o tubo contendo os 10 mL de água. Dissolva o sal agitando o tubo (cuidado para não fornecer calor ao sistema agitando o tubo de ensaio vigorosamente!) e, **imediatamente**, insira o termômetro para observar a mudança de temperatura (T_f). Esse procedimento precisa ser realizado **de maneira rápida!** Anote a temperatura final (T_f) quando a temperatura parar de subir ou de abaixar, ficando praticamente constante.
7. Em outros tubos de ensaio limpos, repita o mesmo procedimento com as outras substâncias indicadas pelo professor.
8. Junte, com outros colegas, os dados colhidos para os outros sais, analisando a variação de temperatura obtida de acordo com determinado tipo de ânion, cátion, ou de acordo com o grau de hidratação da substância estudada.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os resíduos dos sais em solução aquosa devem ser descartados em recipiente indicado na área de RESÍDUOS do laboratório.

Substância	Massa pesada (g)	$\Delta T (T_f - T_i)$	Observações (processo endotérmico ou exotérmico; resfriamento ou aquecimento do tubo).
NaCl			
KCl			
NH ₄ Cl			
CaCl ₂			
NaNO ₃			
KNO ₃			
NH ₄ NO ₃			
Na ₂ CO ₃ anidro			
Na ₂ CO ₃ hidratado			

Parte 2: Entalpia de Reações Químicas: reações de neutralização

Reagentes específicos

- Ácido Clorídrico (HCl) 1,0 mol/L (preparado no Experimento 2)
- Ácido Sulfúrico (H₂SO₄) 1,0 mol/L
- Ácido Nítrico (HNO₃) 1,0 mol/L
- Hidróxido de Sódio (NaOH) 1,0 mol/L

PROCEDIMENTO

1. Com o auxílio da proveta, coloque 3,0 mL da solução HCl 1,0 mol/L em um tubo de ensaio.
2. Insira um termômetro e anote a temperatura do líquido.
3. Adicione 3,0 mL da solução de NaOH 1,0 mol/L, agite e anote a temperatura da mistura.
4. Repita o mesmo procedimento para os dois outros ácidos.

Reação	$\Delta T (T_f - T_i)$	Observações (processo endotérmico ou exotérmico; resfriamento ou aquecimento do tubo).
HCl (aq) + NaOH (aq)		
HNO ₃ (aq) + NaOH (aq)		
H ₂ SO ₄ (aq) + NaOH (aq)		



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os resíduos devem ser descartados em frasco específico, disposto na área de resíduos do laboratório.

Parte 3: Entalpia de Reações Heterogêneas: reação do Alumínio com NaOH

Reagentes específicos

- Lâmina de alumínio (“papel alumínio”)
- Hidróxido de Sódio (NaOH) 10% (m/v)

PROCEDIMENTO

1. Meça, na proveta, 5 mL da solução de hidróxido de sódio 10% e coloque-a em um tubo de ensaio.
2. Insira um termômetro e anote a temperatura do líquido.
3. Adicione um pedaço (cerca de 0,10 g) de “papel de alumínio”, amassado em forma de uma bolinha.
4. Registre a variação da temperatura a cada minuto durante 10 a 15 minutos.
5. Observe as mudanças químicas.



Se a reação se tornar muito violenta, retire o termômetro e dilua o conteúdo do tubo com bastante água.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Os resíduos devem ser descartados em frasco específico, disposto na área de resíduos do laboratório.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 5
ESTUDO DE TERMOQUÍMICA

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

Entalpia de solubilização de substâncias sólidas:

Substância	$\Delta T (T_f - T_i)$	Processo Endotérmico ou Exotérmico?
NaCl		
KCl		
NH ₄ Cl		
CaCl ₂		
NaNO ₃		
KNO ₃		
NH ₄ NO ₃		
Na ₂ CO ₃ anidro		
Na ₂ CO ₃ hidratado		

1. De acordo com a tabela que você preencheu ao longo do experimento, discuta a variação de temperatura observada nas séries: cloretos (NaCl, KCl e NH₄Cl) e nitratos (NaNO₃, KNO₃ e NH₄NO₃).

2. Coloque os cátions K⁺, Na⁺ e NH₄⁺ em ordem crescente de sua entalpia de solubilização:

3. Compare a diferença entre o calor de solubilização de um sal anidro e o correspondente sal hidratado (por exemplo, carbonato de sódio anidro e hidratado) e procure uma justificativa.

Entalpia de reações químicas: reações de neutralização

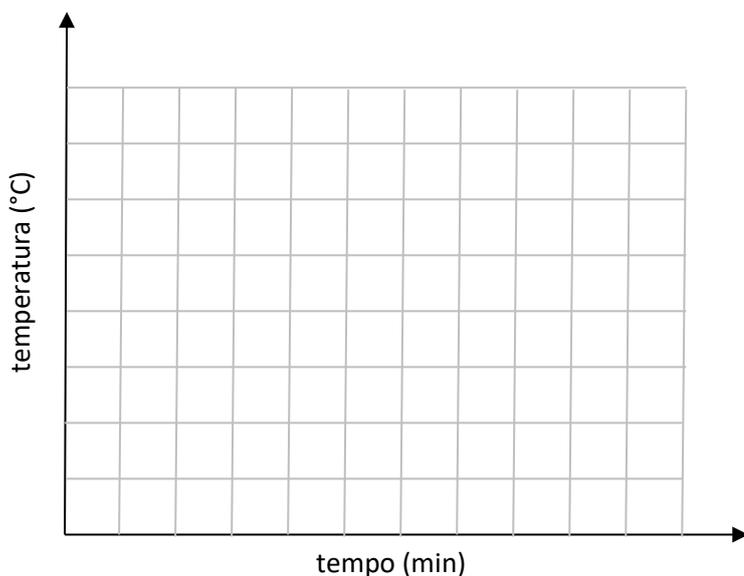
Reação	$\Delta T (T_f - T_i)$	Observações (processo endotérmico ou exotérmico; resfriamento ou aquecimento do tubo).
HCl + NaOH		
HNO ₃ + NaOH		
H ₂ SO ₄ + NaOH		

4. A reação de neutralização é um processo endotérmico ou exotérmico? Por quê? Apresente, também, as equações completas de neutralização (nas formas iônicas) para cada uma das reações realizadas.

Entalpia de reações heterogêneas: reação do Alumínio com NaOH

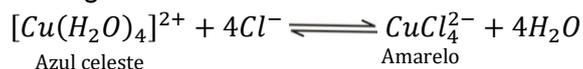
5. Apresente a equação química balanceada da reação do alumínio com a base hidróxido de sódio.

6. Apresente a variação de temperatura em função do tempo na forma de um gráfico:



PARTE EXPERIMENTAL

Considere o seguinte equilíbrio homogêneo:

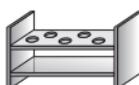


Soluções aquosas de sais de cobre(II) apresentam coloração azul celeste, característica do íon complexo tetraaquocobre(II) $[Cu(H_2O)_4]^{2+}$. Acrescentando íons cloretos à solução, a tonalidade da solução muda gradualmente para verde e, finalmente, amarelo, devido à formação do íon complexo tetraclorocuprato(II) $CuCl_4^{2-}$. Esse é um exemplo de uma reação de substituição, em que as moléculas de água, coordenadas ao cátion de cobre(II), são deslocadas pelos íons cloreto.

A interpretação dos experimentos a serem realizados será feita com base na variação da tonalidade das soluções com a hipótese que existam apenas duas espécies coloridas: $[Cu(H_2O)_4]^{2+}$ (azul celeste) e $CuCl_4^{2-}$ (amarela). Soluções contendo as duas espécies apresentam diversas tonalidades de cor verde (mais azulado ou mais amarelado) dependendo das concentrações relativas dos componentes azul e amarelo. Lembre-se que a cor verde corresponde apenas à superposição da cor azul com a cor amarela e não à existência de uma terceira espécie em nossos experimentos.



- Materiais**
- 5 tubos de ensaio
 - Estante para tubos de ensaio
 - Proveta de 5 mL
 - Banho-maria (90 °C)
 - Espátula



Reagentes

- Solução $CuSO_4$ 0,2 mol/L (preparada no **Experimento 2**)
- NaCl sólido
- HCl concentrado (**na capela**)

Parte 1

PROCEDIMENTO

1. Prepare cinco tubos de ensaio, numerados de **1 a 5**, em uma estante adequada.
2. Coloque, em cada tubo, 5 gotas de solução de sulfato de cobre (II) ($CuSO_4$) 0,2 mol/L.
3. Dilua a solução contida no tubo **2** com 2 mL de água destilada e reserve-a para posterior comparação.
4. Adicione, às soluções contidas nos tubos **3 e 4**, ácido clorídrico (HCl) concentrado, gota a gota, até não observar mais mudanças aparentes (cerca de 5 gotas).
5. Ao tubo **4**, acrescente água destilada, gota a gota, até a solução atingir a coloração daquela do tubo **2**.
6. Ao tubo **5**, adicione ácido clorídrico apenas o suficiente para produzir uma mudança perceptível de cor em relação ao tubo 1 (1-2 gotas)
7. Compare e caracterize as cores das soluções nos cinco tubos.
8. Mostre para o professor todas as soluções contidas nos tubos 1, 2, 3, 4 e 5 antes de descartá-las.

Parte 2

PROCEDIMENTO

1. Prepare três tubos de ensaio, numerados de 1 a 3, numa estante adequada.
2. Coloque 2 mL de solução de sulfato de cobre (II) 0,2 mol/L nos tubos. A solução do tubo 1 servirá como padrão de comparação.
3. Adicione cloreto de sódio (NaCl) sólido aos tubos 2 e 3 em pequenas porções e sob agitação constante, até observar uma mudança pronunciada da cor da solução. A cor das duas soluções deve ser idêntica.
4. Aqueça a solução do tubo 3 cuidadosamente (sem ferver) no banho-maria e verifique a mudança de cor em relação ao tubo 2 (*mudou para mais amarelado ou para mais azulado?*).
5. Deixe esfriar o tubo 3 e verifique a cor da solução.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Todos os resíduos de cobre deverão ser descartados em recipiente indicado na área de RESÍDUOS do laboratório.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 6
ESTUDO QUALITATIVO DO EQUILÍBRIO QUÍMICO

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

1. De acordo com as cores observadas, quais são as espécies que fornecem a coloração predominante nas soluções dos tubos 3, 4 e 5 da Parte 1?

2. Coloque os tubos 3, 4 e 5 em ordem crescente da concentração da espécie $CuCl_4^{2-}$.

3. Utilizando expressões como “o equilíbrio está deslocado mais para direita” ou “o equilíbrio está deslocado mais para o lado dos reagentes”, caracterize a situação do equilíbrio verificada em cada um dos tubos da Parte 1.

4. Qual é a diferença na composição (espécies iônicas) das soluções contidas nos tubos 1 e 2 da Parte 1?

5. As mudanças observadas são reversíveis? Justifique sua resposta, exemplificando-a com uma situação observada neste experimento.

6. Qual é a função do cloreto de sódio (NaCl) e do ácido clorídrico (HCl) nos experimentos realizados?

7. A reação em estudo é exotérmica ou endotérmica? Qual é o efeito do aumento de temperatura sobre o equilíbrio dessa prática? Justifique sua resposta aplicando o princípio de Le Chatelier.

8. Qual o efeito da diluição sobre equilíbrio da reação em questão? Justifique sua resposta.

9. Apresente a expressão para a constante de equilíbrio (K) da reação estudada.

OBJETIVOS

Reforçar a aprendizagem do conceito de ácidos e bases por meio de experimentos simples em meio aquoso. Identificar substâncias ácidas e básicas em meio aquoso mediante o uso de indicadores ácido-base. Relacionar as reações ácidas e básicas com a constituição das espécies responsáveis.

INTRODUÇÃO

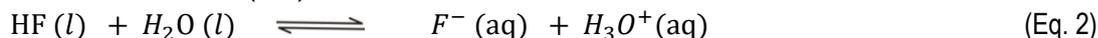
Em 1923, Johannes Brønsted e Thomas Lowry, trabalhando de maneira independente, definiram ácidos como substâncias ou partículas capazes de **doar cátions H⁺** (prótons) e bases como substâncias ou partículas capazes de **receber cátions H⁺** (prótons). Assim, segundo a teoria de Brønsted-Lowry, **reações químicas** que envolvem a **transferência de prótons** podem ser chamadas **reações ácido-base**. Essas reações são reversíveis e, geralmente, atingem rapidamente o estado de equilíbrio.

Em uma reação ácido-base estão envolvidos dois pares **ácido-base conjugados** (AH e A⁻) e (BH⁺ e B), onde, em cada par, as espécies diferem entre si por um próton (H⁺):

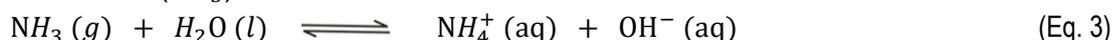


Em meio aquoso, as moléculas de H₂O podem interagir tanto com ácidos quanto com bases. Ácidos doam um próton para a molécula de H₂O, aumentando, assim, a concentração de **íon hidrônio (H₃O⁺)**, enquanto bases recebem um próton da água e favorecem a formação do **íon hidróxido (OH⁻)**.

Exemplo de um ácido: ácido fluorídrico (HF)



Exemplo de uma base: amônia (NH₃)



$K_a = \frac{a_{F^-} \cdot a_{H_3O^+}}{a_{HF}}$ Podemos expressar a força de um ácido ou de uma base em termos da constante de equilíbrio das reações de dissociação ácida ou básica em meio aquoso. Por exemplo, para a equação 2, a constante de equilíbrio é:

(Eq. 4)

onde K_a representa a constante de dissociação ácida, enquanto a_{F^-} , $a_{H_3O^+}$ e a_{HF} indicam a atividade (a) das espécies F^- , H_3O^+ e HF em equilíbrio, respectivamente. É importante mencionar que a atividade da água em solução aquosa não deve ser incluída na equação da constante de equilíbrio. Além disso, para soluções diluídas, a atividade pode ser substituída pelas concentrações molares de equilíbrio:

$$K_a = \frac{[F^-][H_3O^+]}{[HF]} \quad (\text{Eq. 5})$$

De maneira análoga, para a equação 3, referente à dissociação da amônia em meio aquoso, pode-se representar a constante de dissociação básica (K_b) como segue:

$$K_b = \frac{[NH_4^+][OH^-]}{[NH_3]} \quad (\text{Eq. 6})$$

Reações de dissociação ácidas e básicas em meio aquoso promovem o aumento da concentração dos íons hidrônio (H_3O^+) e hidróxido (OH^-), respectivamente. Assim, quanto maior for o valor da constante de dissociação, maior também será a quantidade de produto formado. Pode-se então definir a força de um ácido ou de uma base por meio da magnitude de suas constantes de dissociação ácida ou básica,

respectivamente. Por exemplo, quanto maior o valor de K_a , mais forte o ácido. Valores de $K_a > 1$ correspondem a ácidos fortes, $K_a < 1$ a ácidos fracos.

Observando as reações representadas pelas equações 2 e 3, nota-se que a água ora se comporta como uma base, uma vez que recebe um próton do HF na equação 2, e ora se comporta como ácido, uma vez que doa um próton à molécula de amônia na equação 3. Espécies que apresentam esse comportamento são chamadas **anfóteras** ou **anfipróticas**.

Em água pura, a reação entre duas moléculas de água, uma comportando-se como ácido e outra como base resulta na formação de quantidades equimolares dos íons hidrônio (H_3O^+) e hidróxido (OH^-), conforme a reação abaixo, denominada reação de **autodissociação da água** ou **autoprotólise da água**:



A constante de equilíbrio correspondente para a equação 6 é representada por:

$$K_w = [H_3O^+][OH^-] \quad (\text{Eq. 8})$$

em que K_w é a constante de autodissociação da água. A 25 °C, K_w apresenta um valor de $1,0 \times 10^{-14}$. Dessa maneira, as concentrações molares de H_3O^+ e OH^- em água pura, são iguais e possuem o valor experimental $1,0 \times 10^{-7} \text{ mol L}^{-1}$. Assim:

$$K_w = (1,0 \times 10^{-7})(1,0 \times 10^{-7}) = 1,0 \times 10^{-14} \quad (\text{Eq. 9})$$

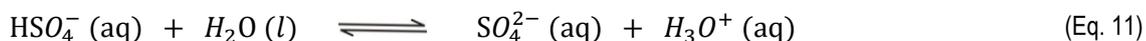
A equação 9 exemplifica as condições de “neutralidade” de uma solução aquosa. Se a concentração de H_3O^+ for superior (ou se aquela de OH^- for inferior) a 10^{-7} , a solução é ácida; se a concentração de H_3O^+ for inferior (ou aquela de OH^- for superior) a 10^{-7} , a solução é básica.

A acidez de soluções aquosas é indicada em uma escala logarítmica. O chamado valor **de pH** corresponde ao logaritmo negativo da concentração, em quantidade de matéria ou em mol/L, de íons hidrônio: $\text{pH} = -\log[H^+]$. A escala de pH varia entre os valores 0 e 14. Água pura e soluções neutras apresentam um valor de $\text{pH} = 7$, soluções ácidas apresentam valores de $\text{pH} < 7$ e soluções básicas têm valores de $\text{pH} > 7$.

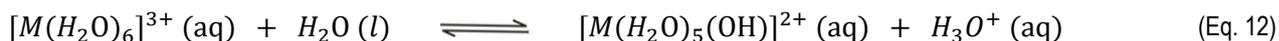
Em solução aquosa, a força de um ácido relaciona-se com a força da sua base conjugada por meio da expressão: $K_w = K_a \times K_b$ (Eq. 10)

Isto é, quanto maior a constante ácida K_a , menor será a constante básica correspondente K_b , ou seja, um ácido forte gera uma base conjugada fraca e uma base forte gera um ácido conjugado fraco.

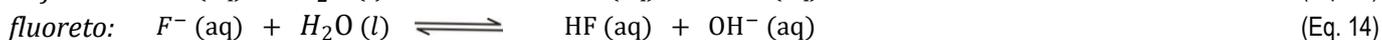
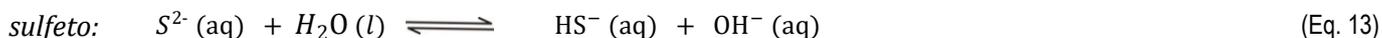
Muitos sais, ao serem dissolvidos em água, fornecem soluções que podem ter caráter ácido ou básico em decorrência da interação dos íons formados em solução aquosa com a própria água. Alguns íons não exercem efeito apreciável sobre o pH do meio, produzindo soluções neutras. Por outro lado, alguns sais podem gerar íons em solução que atuam como ácidos ou bases. Um exemplo é a solução aquosa de bissulfato de sódio (NaHSO_4), cuja acidez pode ser atribuída ao ânion HSO_4^- , o qual, atuando como um ácido de Brønsted-Lowry, transfere um próton para a água, conforme a equação:



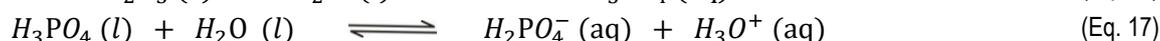
Já uma solução aquosa de um sal de ferro(III), cromo(III) ou alumínio(III) apresenta caráter ácido, pois os íons Fe^{3+} , Cr^{3+} , e Al^{3+} coordenam-se a moléculas de água formando os hexaquocomplexos $[\text{M}(\text{H}_2\text{O})_6]^{3+}$, que doam um próton para uma molécula de água não coordenada:



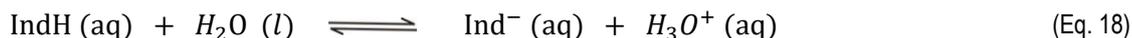
Outros íons podem atuar como bases de Brønsted-Lowry em meio aquoso, retirando um próton da água e produzindo soluções com caráter básico. Esse é o caso de soluções de sulfetos (S^{2-}), fluoretos (F^-) ou de acetatos (H_3CCOO^-) de sódio ou potássio, por exemplo:



Algumas substâncias que não possuem hidrogênio podem dar origem a soluções aquosas com caráter ácido. Nesses casos, a espécie ácida é criada por uma reação primária com a água. A solução aquosa de pentóxido de fósforo (P₂O₅), por exemplo, é ácida, porque o P₂O₅ reage com água formando ácido fosfórico (H₃PO₄), o qual atua como um ácido de Brønsted-Lowry, transferindo um próton para a água:



Em laboratório, indicadores ácido-base podem ser utilizados para visualização de soluções ácidas, neutras ou básicas. Indicadores ácido-base podem ser ácidos fracos orgânicos que apresentam colorações diferentes quando há prevalência, em solução aquosa, de sua forma ácida, representada por (IndH), ou de sua forma básica (representada por Ind⁻).



O valor de K_a para a equação de dissociação do indicador define sua “faixa de atuação”, ou seja, a “faixa de viragem” da coloração da solução. Nesse caso, o valor do pK_a do ácido indicador definirá a faixa de pH em que a mudança entre a prevalência da forma ácida e a forma básica ocorrerá:

Constante de dissociação
$$K_a = \frac{[\text{Ind}^-][H_3O^+]}{[\text{IndH}]} \quad (\text{Eq. 19})$$

Colocando $[H_3O^+]$ em evidência:
$$[H_3O^+] = K_a \frac{[\text{IndH}]}{[\text{Ind}^-]} \quad (\text{Eq. 20})$$

Multiplicando por $-\log$:
$$pH = pK_a - \log \frac{[\text{IndH}]}{[\text{Ind}^-]} \quad (\text{Eq. 21})$$

Para verificar se uma solução aquosa é ácida ou básica, basta acrescentar algumas gotas de solução muito diluída de um indicador com ponto de viragem adequado e observar a mudança de sua coloração. Na Tabela 7.1, são dados alguns exemplos de indicadores ácido-base e suas cores conforme o valor do pH de viragem, ou seja, conforme o valor do pK_a do indicador.

Tabela 7.1: Faixa de viragem e cores de alguns indicadores.

Indicador	Cor [IndH]	Cor [Ind ⁻]	pK_a	pH de viragem
Alaranjado de metila	Vermelho (pH < 4,0)	Alaranjado (pH > 4,0)	4,0	4,0 ± 1,0
Vermelho de metila	Vermelho (pH < 5,8)	Amarelo (pH > 5,8)	5,8	5,8 ± 1,0
Verde de bromocresol	Amarelo (pH < 6,6)	Azul (pH > 6,6)	6,6	6,6 ± 1,0
Azul de bromotimol	Amarelo (pH < 7,1)	Azul (pH > 7,1)	7,1	7,1 ± 1,0
Fenolftaleína	Incolor (pH < 8,4)	Rosa (pH > 8,4)	8,4	8,4 ± 1,0
Timolftaleína	Incolor (pH < 10,0)	Azul (pH > 10,0)	10,0	10,0 ± 1,0

LEITURA RECOMENDADA

Equilíbrios químicos homogêneos em soluções aquosas, ácidos e bases, definição de ácidos e bases de Brønsted-Lowry.

Experimento retirado e modificado da referência: Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher, 2004.

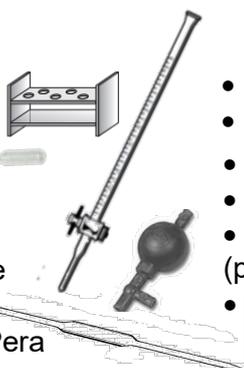
Atkins, P. *Princípios de Química*, 3ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. (Cap. 10).

PARTE EXPERIMENTAL



Materiais

- Tubos de ensaio
- Estante para tubos de ensaio
- Pipeta de Pasteur
- Proveta de 5 mL
- Espátulas
- Bureta de 25 mL com suporte
- Frasco Erlenmeyer
- Pipeta volumétrica 10 mL e Pera



Reagentes

- Indicador Fenolftaleína
- Indicador Vermelho de Metila
- Indicador Azul de Bromotimol
- Soluções-tampão pH = 3, 7 e 10.
- Solução HCl 1,0 mol/L (preparada no Experimento 2).
- Solução NaOH 1,0 mol/L.

Parte 1: Identificação de Substâncias Ácidas e Básicas

Objetos de estudo

GRUPO I (substâncias sólidas PA)

- fosfato monobásico de sódio NaH_2PO_4
- fosfato dibásico de sódio Na_2HPO_4
- fosfato tribásico de sódio Na_3PO_4
- cloreto de amônio NH_4Cl
- sulfato de sódio Na_2SO_4
- óxido de magnésio MgO
- carbonato de sódio Na_2CO_3
- bicarbonato de sódio NaHCO_3

GRUPO II (materiais comerciais) *

*verifique com o técnico do laboratório quais materiais estão disponíveis para o experimento.

PROCEDIMENTO



IMPORTANTE: Os tubos de ensaio devem ser lavados com sabão e enxaguados repetidas vezes com água destilada antes de iniciar cada um dos experimentos.

Parte 1A - Construção de uma Escala de Cores para determinar os valores de pH

1. Separe 9 tubos de ensaio. Eles servirão como **escala de cores para futuras comparações**.
 - a. No tubo 1, adicione 3 mL da solução tampão pH = 3; no tubo 2, adicione 3 mL do tampão pH = 7; e, no tubo 3, adicione 3 mL do tampão pH = 10. Adicione 2 gotas do indicador Fenolftaleína a cada um dos 3 tubos e os **reserve para fazer a análise dos experimentos da Parte 1B**.
 - b. No tubo 4, adicione 3 mL da solução tampão pH = 3; no tubo 5, adicione 3 mL do tampão pH = 7; e, no tubo 6, adicione 3 mL do tampão pH = 10. Adicione 2 gotas do indicador Vermelho de Metila a cada um dos 3 tubos e os **reserve para fazer a análise dos experimentos da Parte 1B**.
 - c. No tubo 7, adicione 3 mL da solução tampão pH = 3; no tubo 8, adicione 3 mL do tampão pH = 7; e, no tubo 9, adicione 3 mL do tampão pH = 10. Adicione 2 gotas do indicador Azul de Bromotimol a cada um dos 3 tubos e os **reserve para fazer a análise dos experimentos da Parte 1B**.

Tabela 7.2: Faixa de viragem e cores dos indicadores que serão utilizados nessa prática.

Indicador	Cores		pK_a	pH de viragem
Azul de bromotimol	Amarelo (pH < 7,1)	Azul (pH > 7,1)	7,1	7,1 ± 1,0
Fenolftaleína	Incolor (pH < 8,4)	Rosa (pH > 8,4)	8,4	8,4 ± 1,0
Vermelho de metila	Vermelho (pH < 5,8)	Amarelo (pH > 5,8)	5,8	5,8 ± 1,0

Parte 1B - Determinação do pH de soluções

1. Prepare soluções diluídas de pelo menos 3 das substâncias indicadas no quadro "Objetos de Estudo", selecionados pelo instrutor: coloque uma ponta (bem pequena!) de espátula da substância no tubo de ensaio e a dissolva com aproximadamente 5 mL de água destilada). Divida cada uma das soluções preparadas em duas partes.
2. Na primeira parte, adicione 2 gotas da solução de fenolftaleína. Observe a variação de cor comparando com a Tabela 7.2 e com as colorações obtidas no item 1.a para os 3 primeiros tubos com as soluções-tampão + fenolftaleína. **A solução é básica, ácida ou neutra? É possível fazer essa identificação?**
3. Com a segunda parte, adicione 2 gotas da solução de vermelho de metila. Observe a variação de cor comparando com a Tabela 7.2 e com as colorações obtidas no item 1.b para os tubos 4 a 6 com as soluções-tampão + vermelho de metila. **A solução é básica, ácida ou neutra? É possível fazer essa identificação?**
4. No caso de ainda persistirem dúvidas quanto à acidez ou à alcalinidade da substância, prepare mais um pouco de solução diluída da substância em questão e adicione algumas gotas da solução de azul de bromotimol. Observe a variação de cor comparando com a Tabela 7.2 e com as colorações obtidas no item 1.c para os tubos 7 a 9 com as soluções-tampão + azul de bromotimol.
5. Mostre os resultados ao professor antes de descartar as soluções.
6. Repita os procedimentos acima escolhendo materiais comerciais para análise.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Todos os resíduos das substâncias puras serão colocados em um único recipiente, indicado na área de RESÍDUOS do laboratório, para que sejam neutralizados. A mistura contendo os materiais comerciais com indicadores pode ser descartada na pia.

Parte 2: Titulação Ácido-Base

No preparo de soluções, alguns erros não podem ser evitados devido a fatores relacionados com imprecisões na determinação da massa ou do volume dos reagentes, geralmente ocasionadas por suas características higroscópicas; volatilidade, ao baixo grau de pureza, dentre outros. Assim, para se saber a concentração real de uma solução, utiliza-se a técnica de titulação, também conhecida como volumetria, que consiste em um método de análise quantitativa para determinar a concentração de uma solução desconhecida (titulado) a partir de uma solução de concentração conhecida (titulante). Para proceder com uma titulação, utiliza-se uma bureta de acordo com Figura 7.1.

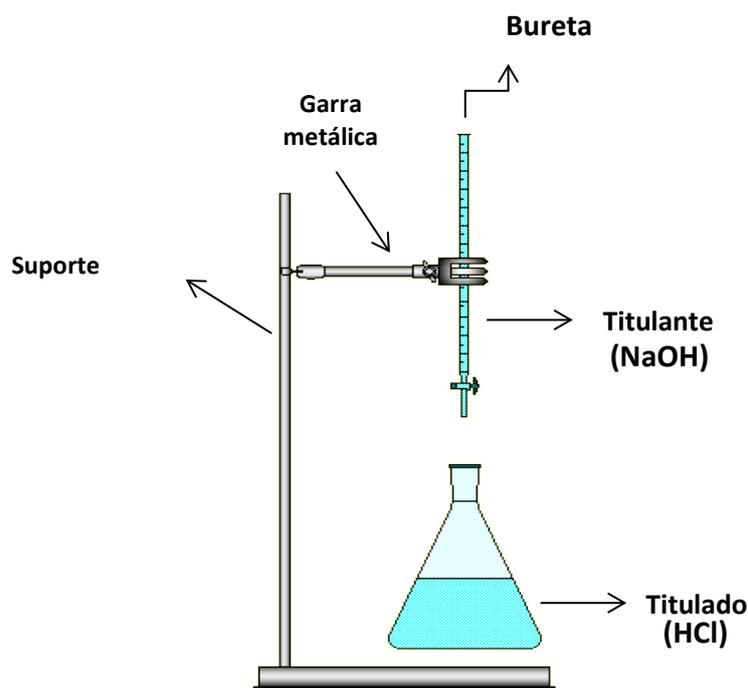
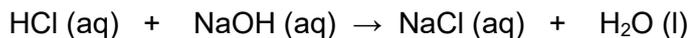


Figura 7.1 - Montagem da bureta no suporte universal.

Seu princípio está fundamentado na reação química das duas substâncias em questão, de forma que, ao final do procedimento, essa reação seja completa. Na reação que será testada neste experimento, que possui estequiometria 1:1, tem-se que:



Ou seja, um mol de titulante (NaOH) reage com um mol de titulado (HCl) e, então, diz-se que a solução foi neutralizada. Assim, ao final da titulação:

Quantidade de matéria do titulante = Quantidade de matéria do titulado (Equação 1)

Lembrando que concentração molar da solução (m) é igual à quantidade de matéria (n), em mol, dividida pelo volume (V), em litros, tem-se que:

$$m = \frac{n}{V} \text{ ou } n = m \cdot V \quad \text{(Equação 2)}$$

Assim, a concentração molar (m) da solução que está sendo titulada pode ser calculada substituindo-se a Equação 2 na Equação 1:

$$m_{\text{titulante}} \cdot V_{\text{titulante}} = m_{\text{titulado}} \cdot V_{\text{titulado}} \quad \text{(Equação 3)}$$

Para identificar o final da reação entre o titulante e o titulado, são utilizadas as substâncias indicadoras, que apresentam cores distintas antes e após o término da reação química.

PROCEDIMENTO

1. Lave a bureta com água e sabão, verificando se a mesma se encontra sem gorduras. Em seguida, ambiente-a duas vezes com uma pequena quantidade da solução de NaOH (aproximadamente 5 mL) - escoe todo o líquido em um béquer e descarte-o na área de Resíduos do laboratório.
2. Preencha a bureta com a solução de NaOH padronizada pelo técnico (veja a concentração real!) até que o nível do líquido fique na marca zero da bureta. Se necessário, utilize uma pipeta de Pasteur para auxiliá-lo. Lembre-se das orientações para verificação da altura do menisco descritas nas Figuras 1 e 2 da página 9 da apostila.
3. Fixe a bureta no suporte universal, conforme a Figura 7.1.
4. Com o auxílio de uma pipeta volumétrica de 10 mL e um pipetador de três vias, adicione 10 mL da solução HCl que você preparou no Experimento 2 a ser padronizada a um frasco Erlenmeyer.
5. Adicione aproximadamente 20 mL de água destilada ao Erlenmeyer e acrescente 3 gotas de fenolftaleína.
6. Realize a titulação e anote o volume gasto de NaOH para atingir o ponto de viragem (ponto em que a fenolftaleína passa de incolor para **levemente** rosa).
7. Faça os cálculos da concentração do HCl (**Qual a concentração real da solução de HCl que você preparou?**).



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: As soluções nos Erlenmeyers após as titulações encontram-se neutralizadas. Como não há íons de elevada toxicidade, elas poderão ser descartadas na pia. As sobras de NaOH na bureta podem ser devolvidas aos seus frascos originais se não tiverem sido contaminadas ou diluídas. Outros resíduos de HCl e NaOH devem ser acondicionados em frascos para posterior tratamento.



REFERÊNCIAS

- 1- Skoog, D.A.; West, D.M.; Holler, F.J.; Crouch, S.R. Fundamentos de Química Analítica. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- 2- Mendham, J.; Denney, R.C.; Barnes, J.D.; Thomas, M.J.K. Vogel Análise Química quantitativa. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 7
ESTUDO DE ÁCIDOS E BASES EM MEIO AQUOSO

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

1. Para cada substância testada (sólidos puros ou materiais diversos) mostre como foi feita a identificação da acidez, neutralidade ou alcalinidade da solução aquosa em questão.

GRUPO 1: substâncias sólidas puras

2. Para as soluções básicas, escreva a equação química da reação entre a espécie que atua como base e a água, indicando os pares de ácidos e bases conjugados.

3. Para as soluções ácidas, escreva a equação química da reação entre a espécie que atua como ácido e a água, indicando os pares de ácidos e bases conjugados.

GRUPO 2: materiais comerciais

4. Para cada um dos materiais investigados, indique o componente responsável pela reação ácida ou básica observada e escreva a equação química da reação entre esse componente e a água:

Titulação Ácido-Base

5. Mostre os cálculos feitos para a titulação do HCl 1,0 mol/L com NaOH 1,0 mol/L. Explique o valor encontrado para a concentração do HCl. Ele se aproximou do valor teórico de 1,0 mol/L? Se não, forneça uma possível explicação para a divergência encontrada.

OBJETIVOS

Demonstrar alguns aspectos fundamentais da cinética de reações químicas, especialmente o efeito da concentração dos reagentes e da temperatura sobre a velocidade de reações químicas.

INTRODUÇÃO

A velocidade de uma reação química homogênea (v) pode ser definida como a variação da concentração de um dos reagentes (dx) ou de um dos produtos (dy) por unidade de tempo (dt):

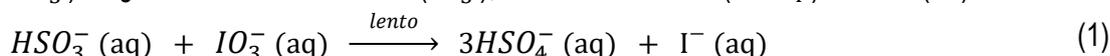
$$v = -\frac{dx}{dt} \text{ ou } \frac{dy}{dt}$$

A escolha de uma ou outra equação depende da facilidade de se monitorar experimentalmente a concentração de um determinado reagente ou produto.

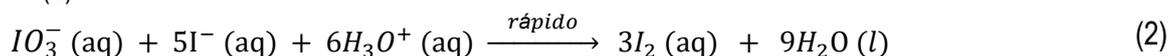
Assim como a velocidade de um objeto em movimento está associada ao tempo que o objeto precisa para percorrer uma determinada distância, a velocidade de uma reação química pode ser avaliada pelo tempo transcorrido para que uma determinada quantidade de reagente seja consumida ou uma determinada quantidade de produto seja formada.

A reação de *Landolt*, também conhecida como a “reação do relógio de iodo”, foi publicada em 1886 e continua sendo, até hoje, um dos exemplos mais adequados para demonstrar alguns aspectos fundamentais da cinética de reações químicas. Trata-se da relação entre os íons bissulfito e iodato em meio ácido, com formação de iodo. Na realidade, o mecanismo dessa reação não é trivial, envolvendo várias etapas com velocidades distintas, durante as quais espécies intermediárias são formadas e posteriormente consumidas. Todavia, é possível representar a reação de *Landolt* por um conjunto de três equações básicas:

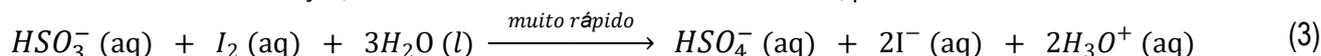
Inicialmente o bissulfito (HSO_3^-) reage lentamente com o iodato (IO_3^-), formando bissulfato (HSO_4^-) e iodeto (I^-):



À medida que o iodeto vai sendo lentamente formado, este reage rapidamente com o iodato, ainda presente em grande quantidade, gerando iodo elementar (I_2):



Enquanto houver bissulfito na solução, este consome imediatamente o iodo formado, produzindo novamente iodeto:



De acordo com essa proposta mecanística, o iodo é somente observado quando todo o bissulfito tiver sido consumido.

O tempo transcorrido a partir do momento da mistura dos reagentes (bissulfito e iodato) até o aparecimento do iodo é um parâmetro de fácil medição, o qual permite avaliar como a velocidade da reação de *Landolt* pode variar sob diferentes condições experimentais. Uma mínima concentração de iodo pode ser sensivelmente detectada se houver **amido** presente no meio reacional, pois o amido forma um complexo de intensa coloração azul com o iodo.

Assim, neste experimento, será observado o tempo necessário para a formação de iodo na reação de *Landolt*, variando-se a concentração dos reagentes e da temperatura.

LEITURA RECOMENDADA

Velocidade de reações químicas, cinética química.

Experimento retirado e modificado da referência: Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher; 2004.

Atkins, P. *Princípios de Química*, 3ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. (Cap. 13, p. 394 e 395).

PARTE EXPERIMENTAL

Materiais

- Cronômetro
- Termômetro
- Frascos Erlenmeyer
- Provetas
- Banho-Maria (~ 40 °C)
- Gelo triturado



Reagentes

- **Solução I:** Iodato de Potássio (KIO_3) 0,02 mol/L
- **Solução II:** Sulfito de Sódio (Na_2SO_3 – $9,2 \cdot 10^{-3}$ mol/L) + Ácido Sulfúrico PA (H_2SO_4) + Etanol ($\text{C}_2\text{H}_5\text{OH}$)
- **Solução III:** Solução de Amido 0,2% (m/v)
- Água da torneira gelada
- Água da torneira morna (40 °C)



Atenção! Esta prática é pouco influenciada por eventuais contaminações, portanto, **pode-se** usar água de torneira.

Parte 1

PROCEDIMENTO

1. Lave, repetidas vezes, a vidraria a ser utilizada com água antes de cada experimento.
2. Coloque, num frasco Erlenmeyer, 40 mL de água da torneira, 5 mL da SOLUÇÃO III e 10 mL da SOLUÇÃO II. Misture bem.
3. Anote a temperatura da solução.
4. Com auxílio de outra pessoa, adicione rapidamente e com agitação vigorosa 10 mL da SOLUÇÃO I e, ao mesmo tempo, dispare o cronômetro.
5. Mantenha a mistura sob agitação e aguarde atentamente o momento em que aparece a coloração azul na solução.
6. Pare o cronômetro no momento exato da mudança de cor e anote o tempo de reação.

Parte 2: Efeito da Concentração dos Reagentes

PROCEDIMENTO

1. Repita o procedimento da Parte 1, utilizando apenas 20 mL de água da torneira na mistura com as SOLUÇÕES I, II e III.
2. Repita o procedimento da Parte 1, utilizando 80 mL de água da torneira na mistura com as SOLUÇÕES I, II e III.

Parte 3: Efeito da Temperatura

PROCEDIMENTO

1. Repita o procedimento da Parte 1, utilizando 40 mL de água gelada na mistura com as SOLUÇÕES I, II e III, que também devem estar geladas! Mantenha a solução sobre um banho de gelo durante a reação.
2. Repita o procedimento da Parte 1, utilizando 40 mL de água morna (não superior a 40 °C) na mistura com as SOLUÇÕES I, II e III.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Todos os resíduos poderão ser diluídos com bastante água da torneira e despejados na pia.



REFERÊNCIAS

1. Briggs, T.S., Rauscher, W.C., J. Chem. Educ. 50 (1973) 496.
2. Shakashiri, B.C., Chemical Demonstrations, the University of Wisconsin Press, Madison, 1985.
3. Roesky, H.W., Möckel, K., Chemische Kabinettstücke, VCH, Weinheim, 1994.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 8
ESTUDO DA VELOCIDADE DE REAÇÕES QUÍMICAS

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

1. Qual é a função do amido nas reações estudadas?

2. Relate e justifique o efeito de temperatura sobre a velocidade da reação estudada.

3. Relate e justifique o efeito da concentração dos reagentes sobre a velocidade da reação estudada.

OBJETIVO

Obter conhecimentos sobre a reatividade de diversos metais comuns frente a diversos ácidos, bases e outros agentes oxidantes.

INTRODUÇÃO

Em princípio, todos os metais podem atuar como agentes **redutores**, sendo oxidados com maior ou menor facilidade na presença de agentes oxidantes como H₂O, HCl, HNO₃, H₂SO₄, O₂, O₃ etc., conforme a expressão geral:



O **potencial padrão de oxidação** atribuído a esse processo (E_{OX}^0) é um indicador da reatividade dos metais. Quanto mais positivo E_{OX}^0 , maior a força redutora e, conseqüentemente, maior a reatividade de um determinado metal frente a um dado agente oxidante. Os valores E_{OX}^0 para metais variam entre **+3,0 e -1,0** Volts. Os metais mais reativos, isto é, aqueles que apresentam valores de E_{OX}^0 próximos a +3 V (por exemplo, sódio, potássio e cálcio) reagem espontaneamente com água, um agente oxidante relativamente fraco, com evolução de hidrogênio:



A maioria dos metais, no entanto, apresenta reatividade moderada, com E_{OX}^0 entre 0,0 e +2,5 V. Metais como, por exemplo, manganês, cádmio ou níquel são dissolvidos por **ácidos comuns diluídos**, como ácido acético, ácido clorídrico, ácido sulfúrico, considerados agentes oxidantes mais fortes que a água, com evolução de hidrogênio:

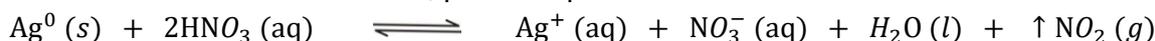


Alguns desses metais também são oxidados por bases fortes com desprendimento de hidrogênio e formação de hidroxocomplexos solúveis, por exemplo:

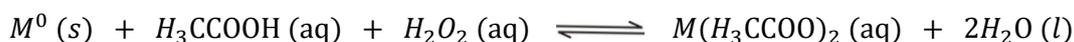


Os metais que reagem tanto com ácidos como com bases, são chamados **anfóteros**.

Metais com valores negativos de E_{OX}^0 , como, por exemplo, prata e ouro, são mais resistentes à oxidação e são chamados **metais nobres**. Tais metais podem ser dissolvidos apenas em **ácidos fortemente oxidantes** como ácido nítrico, por exemplo:



Ácidos comuns em presença de oxidantes fortes (por exemplo, mistura de ácido acético e água oxigenada) têm o mesmo efeito de ácidos oxidantes:



Observe, que, nesses últimos casos, não há formação de hidrogênio.

Todos os processos de **corrosão** de metais correspondem a reações de oxidação. Na corrosão em condições atmosféricas (por exemplo, a formação de **ferrugem**), o oxidante geralmente é o oxigênio do ar, e a reação ocorre muito lentamente:

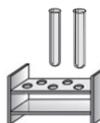


LEITURA RECOMENDADA

Química geral - Potenciais de oxidação e redução. Reatividade de metais.

Experimento retirado e modificado da referência: Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher; 2004.

PARTE EXPERIMENTAL



Materiais

- Tubos de Ensaio
- Estante para Tubos de Ensaio
- Proveta de 5 mL
- Espátula 
- Banho-Maria (80 °C) 

Reagentes

- Pequenos pedaços ou pó de metais. Por exemplo: alumínio, ferro, magnésio e zinco.
- Ácido Acético 20% (v/v)
- Ácido Clorídrico (HCl) 10% (v/v)
- Ácido Clorídrico (HCl) 20% (v/v)
- Ácido Nítrico (HNO₃) 10% (v/v)
- Ácido Nítrico (HNO₃) 20% (v/v)
- Solução Hidróxido de Sódio (NaOH) 10%
- Água Oxigenada (H₂O₂) PA (30%, m/v) (na capela!)



ATENÇÃO: ácidos e bases, assim como água oxigenada, concentrados são substâncias agressivas e devem ser tratadas com o devido cuidado.

Reação de Diversos Metais com Ácidos e Bases

PROCEDIMENTO

1. Escolha **3 metais** para trabalhar que estejam disponíveis no laboratório.

Consulte a Tabela 9.1 na página seguinte para verificar os potenciais de redução dos metais utilizados nessa prática!

2. Lave e separe inicialmente 4 tubos de ensaio, assegurando que estejam sem excesso de água. Em cada tubo, adicione um pequeno pedaço ou uma ponta de espátula do primeiro metal selecionado para testar a sequência de reações descrita abaixo. Consulte o fluxograma da Figura 9.1 para obter uma compreensão mais detalhada da sequência de testes que será realizada.

 **ATENÇÃO:** grandes quantidades do metal em um único tubo de ensaio irão dificultar a visualização da reação. Por isso, uma ponta de espátula pequena de cada metal em um tubo de ensaio é suficiente.

de uma proveta, adicione 3 mL de ácido acético a 20% e observe se a reação ocorre:

a) Tubo 1: ácido acético (HAc) a 20% + metal escolhido.

4. Nos casos em que a reação **não for visível**, aqueça a mistura em banho-maria sem ferver. Se, mesmo com o aquecimento, não houver reação, então dirija-se à capela de exaustão e, no mesmo tubo de ensaio, adicione cerca de 5 gotas de peróxido de hidrogênio (H₂O₂) concentrado:

b) Tubo 1: ácido acético (HAc) a 20% + poucas gotas (cerca de 5 gotas) de água oxigenada (H₂O₂ - na capela!) + metal escolhido.

5. Com o auxílio de uma proveta, adicione, em um outro tubo de ensaio, 3 mL de ácido clorídrico a 10% e observe se a reação ocorre:

c) Tubo 2: ácido clorídrico (HCl) a 10% + metal escolhido.

6. Nos casos em que a reação **não for visível**, aqueça a mistura em banho-maria sem ferver. Se, mesmo com o aquecimento, não houver reação, então, em um novo tubo de ensaio, adicione 3 mL de HCl mais concentrado, a 20%:

d) Tubo 3: ácido clorídrico (HCl) a 20% + metal

7. Em um quarto tubo de ensaio, adicione 3 mL de hidróxido de sódio (NaOH) a 10%:

e) Tubo 4: hidróxido de sódio (NaOH) a 10% + metal

6. Caso o metal escolhido **não tenha reagido em nenhum dos testes de (a) a (c)**, lave e separe 3 novos tubos de ensaio. Em um dos tubos (lembre-se de retirar o excesso de água da lavagem!), adicione 3 mL de ácido nítrico (HNO₃) a 10%, observando a existência ou não de reação:

e) Tubo 5: ácido nítrico (HNO₃) a 10% + metal escolhido

6. Se o metal escolhido **não reagir** com o HNO₃ a 10%, em um novo tubo (lembre-se de retirar o excesso de água da lavagem!), adicione 3 mL de ácido nítrico (HNO₃) agora mais concentrado, a 20%. Observe se houve reação:

f) Tubo 6: ácido nítrico (HNO₃) a 20% + metal escolhido

2. Registre os casos em que ocorre uma reação química com os metais e descreva as mudanças observadas: dissolução completa ou parcial do metal, desprendimento de calor, evolução de gás (tente identificar o gás desprendido), mudanças na superfície do metal, formação de precipitados, coloração das soluções resultantes etc.

3. Identifique os produtos das reações observados.

4. Repita todo o procedimento com os outros 2 metais escolhidos.

Tabela 9.1: Potenciais de Redução a 25 °C em água (em ordem alfabética).

Semi-reação de Redução	E° (V)	Semi-reação de Redução	E° (V)
Ag ⁺ + e ⁻ → Ag	+ 0,80	2H ⁺ + 2e ⁻ → H ₂	0.00
Ag ²⁺ + e ⁻ → Ag ⁺	+1,98	2H ₂ O + 2e ⁻ → H ₂ + 2OH ⁻	-0,83
Al ³⁺ + 3e ⁻ → Al	-1,66	H ₂ O ₂ + 2H ⁺ + 2e ⁻ → H ₂ O	+1,78
Au ⁺ + e ⁻ → Au	+1,69	K ⁺ + e ⁻ → K	-2,93
Au ³⁺ + 3e ⁻ → Au	+1,40	Mg ²⁺ + 2e ⁻ → Mg	-2,36
Cu ⁺ + e ⁻ → Cu	+1,52	Na ⁺ + e ⁻ → Na	-2,71
Cu ²⁺ + 2e ⁻ → Cu	+0,34	O ₂ + 2H ₂ O + 4e ⁻ → 4OH ⁻	+0,40
Cu ²⁺ + e ⁻ → Cu ⁺	+0,16	O ₂ + 4H ⁺ + 4e ⁻ → 2H ₂ O	+1,23
Fe ²⁺ + 2e ⁻ → Fe	-0,44	Pt ²⁺ + 2e ⁻ → Pt	+1,20
Fe ³⁺ + 3e ⁻ → Fe	-0,04	Sn ²⁺ + 2e ⁻ → Sn	-0,14
Fe ³⁺ + e ⁻ → Fe ²⁺	+0,77	Zn ²⁺ + 2e ⁻ → Zn	-0,76

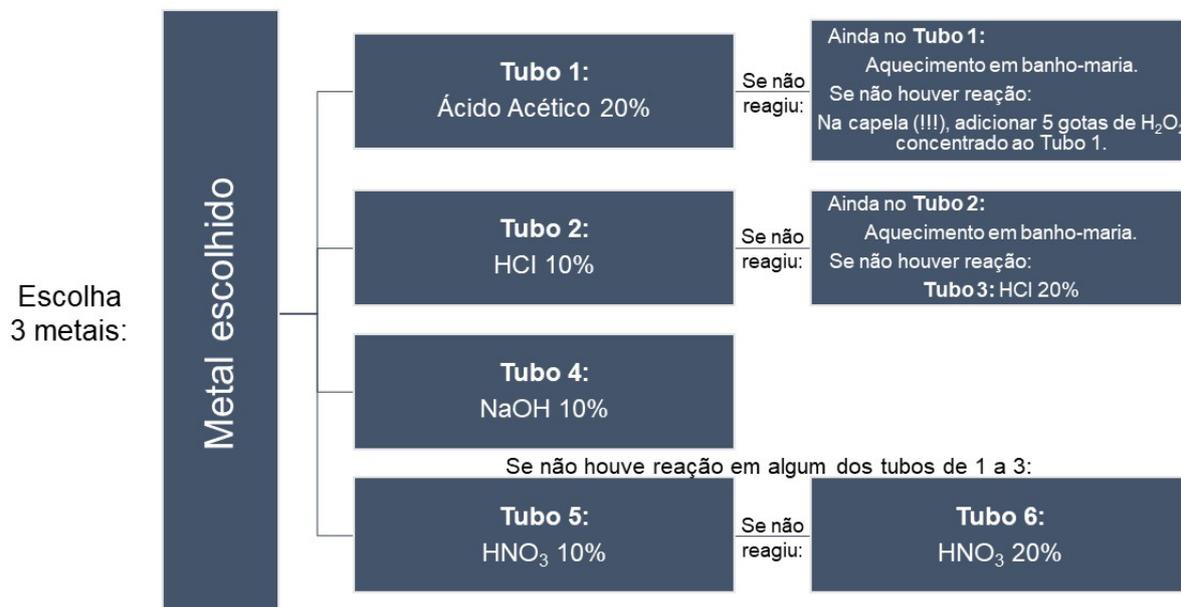


Figura 9.1 – Fluxograma que resume o processo do Experimento 9.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Cada metal possui um frasco específico para descarte. Os metais que sofreram reações com ácidos e bases serão descartados, juntamente com a parte líquida, no frasco identificado na área de RESÍDUOS do laboratório. Os metais que não reagiram ou que reagiram pouco devem ser separados da parte líquida ácida ou básica. Em seguida, devem ser lavados, secos com papel-toalha e guardados para serem novamente utilizados.

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 9

REATIVIDADE DE METAIS

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____

Nome _____ Matrícula _____

1. Coloque os metais estudados em ordem de crescente reatividade frente aos agentes oxidantes usados. Justifique a resposta.

2. Algum dos metais pesquisados é anfótero? Por quê?

3. Apresente equações químicas completas correspondentes às reações observadas.

4. Indique alguns metais que reagem espontaneamente com água. Justifique sua resposta.

5. De um modo geral, metais podem ser obtidos por redução dos respectivos óxidos empregando gás hidrogênio sob temperaturas elevadas: $MO \text{ (óxido metálico)} + H_2(g) \xrightarrow{\Delta} \text{Metal (s)} + H_2O(l)$

Quais dos metais pesquisados serão mais facilmente obtidos por essa reação? Justifique.

6. Em sua opinião, podemos estocar uma solução de hidróxido de potássio a 10% em tanques de ferro ou de alumínio? Por quê?

OBJETIVO

Entender o funcionamento e a elaboração de uma pilha eletroquímica e conhecer diversos exemplos de processos eletrolíticos, empregando-se, para isso, substratos inorgânicos em meio aquoso.

INTRODUÇÃO

A **eletroquímica** é a parte da química que lida com os fenômenos associados à interação da eletricidade com a matéria. De uma forma mais específica, a eletroquímica é a área da química voltada para o estudo das propriedades de **eletrólitos** e dos processos que ocorrem em **eletrodos**. Dentre esses processos, encontram-se as reações de oxirredução, que produzem energia elétrica espontaneamente, e as reações de oxirredução não espontâneas, que são promovidas a partir de energia elétrica.

Os dispositivos que permitem a interconversão de energia química e elétrica são denominados de **células eletroquímicas**. Tais dispositivos são constituídos essencialmente por um par de eletrodos imersos em soluções eletrolíticas. O **catodo** é o eletrodo onde uma espécie recebe elétrons, reduzindo-se. Já no **anodo**, uma espécie transfere elétrons para o eletrodo, oxidando-se. Existem dois tipos de células eletroquímicas:

1. Células voltaicas ou galvânicas (Pilhas): células em que a energia elétrica é produzida a partir de reações de oxirredução espontâneas.

A primeira pilha descrita na literatura foi inventada por Alessandro Volta em 1800. Consistia em pares de discos de Zn e Ag “empilhados”, separados por discos de papel umedecidos com água salgada. Com essa “pilha” de discos, era possível detectar um leve choque elétrico ao se tocar, simultaneamente, as duas extremidades da pilha.

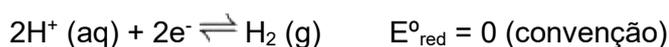
Uma pilha que se tornou popular durante o século XIX foi a “Pilha de Daniell”, constituída, em 1836, pelo químico inglês John Frederick Daniell. Utilizando o princípio da pilha de Volta, ele empregou tiras de zinco (Zn) e de cobre (Cu) (eletrodos), em que cada metal era imerso em uma solução do íon do próprio metal (ZnSO₄ e CuSO₄, por exemplo) e as soluções eram mantidas separadas por uma barreira porosa de cerâmica. Cada metal e a sua solução foram chamados de “meia-célula” e as meias-células eletricamente conectadas foram chamadas de “célula voltaica”. Esse tipo de arranjo é empregado até hoje, com o objetivo de explorar reações químicas espontâneas para gerar energia elétrica.

Em uma célula voltaica, duas meias-células são conectadas de tal maneira que elétrons fluem de um eletrodo para o outro através de um circuito externo, enquanto íons fluem de uma meia-célula para a outra através de uma conexão interna da célula, como uma separação porosa ou uma ponte salina por exemplo. No cátodo, há ganho de elétrons e, portanto, pode-se, por convenção, considerá-lo como eletrodo positivo, onde ocorre a redução. De forma inversa, no ânodo, há fornecimento de elétrons e, portanto, pode-se, por convenção, considerá-lo como eletrodo negativo da pilha, onde ocorre a oxidação. A IUPAC convencionou a representação de uma pilha da seguinte forma:

Anodo/Solução do anodo // Solução do catodo/Catodo

Exemplo: Pilha de Daniell → **Zn/Zn²⁺//Cu²⁺/Cu**

A diferença máxima de potencial entre os eletrodos de uma célula voltaica é referida como potencial da pilha (E_{pilha}), medida em Volts (V), e é a responsável pela passagem de corrente elétrica no condutor externo que conecta os eletrodos. O E_{pilha} , em qualquer pilha, depende da natureza das reações químicas que estão ocorrendo, das concentrações (ou pressões parciais, no caso de gases), das espécies sofrendo oxidação e redução e da temperatura da pilha. Para concentrações iguais a 1 mol/L (ou pressões parciais iguais a 1 atm), a 25°C, tem-se potencial padrão de pilha (E°_{pilha}). Por convenção, o potencial padrão de redução do hidrogênio é igual a zero:

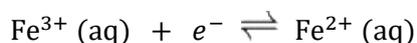


A IUPAC eliminou o termo *potencial de oxidação*. Sempre deve ser usada a expressão *potencial de redução*. Dessa forma, a medida do potencial padrão de redução de um dado eletrodo padrão é feita medindo-se a ddp de uma pilha padrão na qual uma das semipilhas é um eletrodo padrão de hidrogênio e a outra é o eletrodo padrão cujo E^0_{red} se quer medir. Além disso, quanto **maior** for o E^0_{red} , **mais fácil** será a redução e **mais forte** será o oxidante ou mais difícil será a oxidação e mais fraco será o redutor. Inversamente, quanto **menor** for o E^0_{red} , **mais difícil** será a redução e **mais fraco** será o oxidante ou mais fácil será a oxidação e mais forte será o redutor.

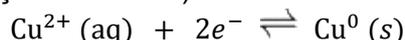
2. Células eletrolíticas: células em que reações não espontâneas são forçadas a se processar em função de um potencial elétrico externo aplicado aos eletrodos.

Quando uma solução de um eletrólito é submetida a uma diferença de potencial elétrico, ocorrem transformações químicas correspondentes a reações de oxidação-redução (transferência de elétrons). Esse tipo de transformação é chamado **eletrólise**. Nesse processo, o cátodo da célula eletrolítica é o local em que ocorre a reação de redução e, por convenção, é o eletrodo negativo, isto é, está ligado ao polo negativo do gerador. Já o ânodo da célula eletrolítica é o local em que ocorre a reação de oxidação e, por convenção, é o eletrodo positivo, isto é, está ligado ao polo positivo do gerador.

Em soluções aquosas de eletrólitos, íons metálicos podem ser transformados no cátodo a um estado de oxidação inferior:



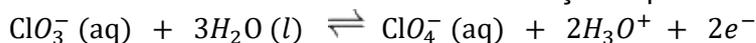
ou ao estado elementar (eletrodeposição de metais):



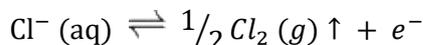
As moléculas do solvente também podem ser reduzidas no cátodo:



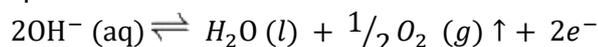
Íons podem ser transformados no ânodo a um estado de oxidação superior:



ou ao estado elementar:



As moléculas do solvente também podem ser oxidadas no ânodo:



LEITURA RECOMENDADA

Química geral, química analítica ou físico-química: capítulos sobre eletroquímica (pilhas e eletrodos e eletrólise).

Experimento retirado e modificado da referência: Bessler, K. E.; Neder, A. V. F. *Química Em Tubos de Ensaio – Uma Abordagem para Principiantes*. 1ª edição, Edgard Blucher; 2004.

Atkins, P. *Princípios de Química*, 3ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. (Cap. 12).

PARTE EXPERIMENTAL

Parte 1: Pilhas Eletroquímicas

1A: Pilha de Daniell Simplificada



Materiais

- Voltímetro ou multímetro digital
- Fios elétricos e conexões do tipo “jacaré”
- 2 Béqueres de 50 mL
- 1 Tubo em U
- Algodão e Palha de Aço
- Termômetro ou termostato.



Reagentes

- Tira de Zinco
- Tira de Cobre
- Solução de NaCl 10% (m/v)
- Solução de sulfato de cobre (CuSO_4) 0,1 mol/L (preparada no experimento 2)
- Solução ZnSO_4 0,1 mol/L

PROCEDIMENTO

ATENÇÃO! A solução cloreto de sódio 10% deve ser retornada aos seu frasco de origem! Não a jogue fora!

1. Limpe bem os eletrodos de zinco e de cobre com palha de aço e lave-os com água destilada.
2. Coloque 40 mL da solução 0,1 mol/L de sulfato de cobre em um béquer de 50 mL e 40 mL da solução 0,1 mol/L de sulfato de zinco em outro béquer de 50 mL.
3. Com um termômetro ou o termostato do multímetro, verifique a temperatura das soluções (*reflita: qual a importância em se verificar a temperatura?*).
4. Preencha o tubo em U com a solução de cloreto de sódio 10% e, em seguida, umedeça dois chumaços de algodão com a solução de NaCl. Tape as entradas do tubo em U com o chumaço de algodão umedecido. Certifique-se que os chumaços de algodão estejam bem firmes e que não tenha entrado ar para dentro do tubo em U (*reflita: qual a função da solução de NaCl na pilha?*).
5. Mergulhe o tubo em U nas soluções assim como ilustrado na **Figura 10.1**.

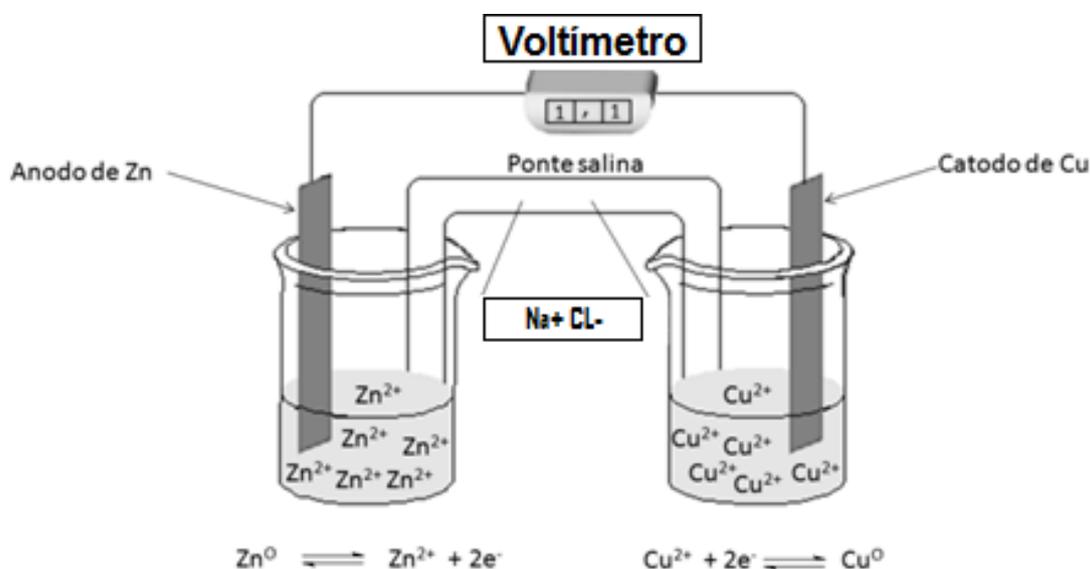


Figura 10.1: Representação da pilha $\text{Zn}^0|\text{Zn}^{2+}||\text{Cu}^{2+}|\text{Cu}^0$

6. Prenda cada um dos eletrodos com uma conexão do tipo “jacaré”.
7. Introduza o eletrodo de zinco no béquer contendo a solução de sulfato de zinco (ZnSO_4) 0,1 mol/L.
8. Introduza o eletrodo de cobre no béquer contendo a solução de sulfato de cobre (CuSO_4) 0,1 mol/L.
9. Tenha cuidado para que o “jacaré” não entre em contato direto com as soluções, pois, caso isso aconteça, ele poderá se oxidar, danificando o material e interferindo em seu experimento.
10. Conecte o eletrodo de zinco ao polo negativo (fio preto) do voltímetro e o eletrodo de cobre ao polo positivo (fio vermelho).
11. Anote a voltagem lida no voltímetro.
12. Compare o valor obtido com o valor teórico esperado.

Observe que, no início da pilha, pode-se considerar que a concentração inicial dos íons é igual a sua concentração final. Dessa forma, tem-se que:

$$E = E_{tot}^0$$
$$E_{tot}^0 = E_{reduz}^0 - E_{oxida}^0$$

A Tabela 10.1 mostra o potencial de redução para diferentes semirreações:

Tabela 10.1: Potenciais de Redução a 25 °C em água (em ordem alfabética).

Semirreação	E° (V)	Semirreação	E° (V)
$\text{Ag}^+ + \text{e}^- \rightarrow \text{Ag}$	+ 0,80	$\text{I}_2 + 2\text{e}^- \rightarrow 2\text{I}^-$	+0,54
$\text{Ag}^{2+} + \text{e}^- \rightarrow \text{Ag}^+$	+1,98	$\text{K}^+ + \text{e}^- \rightarrow \text{K}$	-2,93
$\text{AgCl} + \text{e}^- \rightarrow \text{Ag} + \text{Cl}^-$	+0,22	$\text{Mg}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Mg}$	-2,36
$\text{Al}^{3+} + 3\text{e}^- \rightarrow \text{Al}$	-1,66	$\text{Mn}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Mn}$	-1,18
$\text{Cu}^+ + \text{e}^- \rightarrow \text{Cu}$	+0,52	$\text{Na}^+ + \text{e}^- \rightarrow \text{Na}$	-2,71
$\text{Cu}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Cu}$	+0,34	$\text{Ni}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Ni}$	-0,23
$\text{Cu}^{2+} + \text{e}^- \rightarrow \text{Cu}^+$	+0,16	$\text{NO}_3^- + 4\text{H}^+ + 3\text{e}^- \rightarrow \text{NO} + 2\text{H}_2\text{O}$	+0,96
$\text{Fe}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Fe}$	-0,44	$\text{O}_2 + 2\text{H}_2\text{O} + 4\text{e}^- \rightarrow 4\text{OH}^-$	+0,40
$\text{Fe}^{3+} + 3\text{e}^- \rightarrow \text{Fe}$	-0,04	$\text{O}_2 + 4\text{H}^+ + 4\text{e}^- \rightarrow 2\text{H}_2\text{O}$	+1,23
$\text{Fe}^{3+} + \text{e}^- \rightarrow \text{Fe}^{2+}$	+0,77	$\text{Pb}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Pb}$	-0,13
$2\text{H}^+ + 2\text{e}^- \rightarrow \text{H}_2$	0.00	$\text{Pt}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Pt}$	+1,20
$2\text{H}_2\text{O} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{H}_2 + 2\text{OH}^-$	-0,83	$\text{Sn}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Sn}$	-0,14
$\text{H}_2\text{O}_2 + 2\text{H}^+ + 2\text{e}^- \rightarrow \text{H}_2\text{O}$	+1,78	$\text{SO}_4^{2-} + 4\text{H}^+ + 2\text{e}^- \rightarrow \text{H}_2\text{SO}_3 + \text{H}_2\text{O}$	+0,17
$2\text{Hg}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Hg}_2^{2+}$	+0,92	$\text{Ti}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Ti}$	-1,63
$\text{Hg}_2^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow 2\text{Hg}$	+0,79	$\text{Zn}^{2+} + 2\text{e}^- \rightarrow \text{Zn}$	-0,76

1B: Montagem de uma Pilha Econômica – Pilha de Eletrólito Sólido-Úmido

Este experimento representa a forma mais econômica para demonstrar o princípio do funcionamento de uma pilha eletroquímica.



Materiais

- Voltímetro ou multímetro digital
- Fios elétricos e conexões do tipo “jacaré” 
- Termômetro (ou termostato do multímetro)
- 1 Placa de Vidro
- 1 tira de papel de filtro de tamanho pouco inferior ao da placa

Reagentes

- Tira de Zinco
- Tira de Cobre
- Tira de Magnésio
- Prego de Ferro
- Eletrodo de Grafite ou de Aço
- Solução de NaCl 10% (m/v)
- Sulfato de Cobre (CuSO_4) sólido

PROCEDIMENTO

1. Corte uma tira de papel de filtro com tamanho pouco inferior à placa de vidro que será utilizada na montagem da pilha.
2. Molhe completamente essa tira de papel de filtro com a solução de cloreto de sódio a 10%.
3. Estenda o papel sobre a placa de vidro.
4. Coloque, em uma das extremidades do papel, uma porção pequena de sulfato de cobre sólido (somente alguns grãos do sal).
5. Prenda os eletrodos de zinco e de cobre (ou grafite) com conectores tipo jacaré.
6. Conecte o eletrodo de zinco ao polo negativo do voltímetro e o eletrodo de cobre ao polo positivo do voltímetro.

- Encoste os eletrodos sobre as extremidades do papel (o eletrodo de cobre ou grafite sobre o lado onde foi colocado o sulfato de cobre).
- Verifique se sua montagem está de acordo com a Figura 10.2 da página seguinte.
- Anote a voltagem observada no voltímetro e calcule o potencial da pilha, comparando o valor obtido com os valores teóricos tabelados (Tabela 10.1).
- Repita o procedimento de 1 a 8 substituindo o eletrodo de zinco pelo eletrodo de magnésio (lixar a superfície do magnésio). O eletrodo de cobre deve ser mantido.
- Repita o procedimento de 1 a 8 substituindo o eletrodo de zinco pelo eletrodo de ferro. O eletrodo de cobre deve ser mantido.

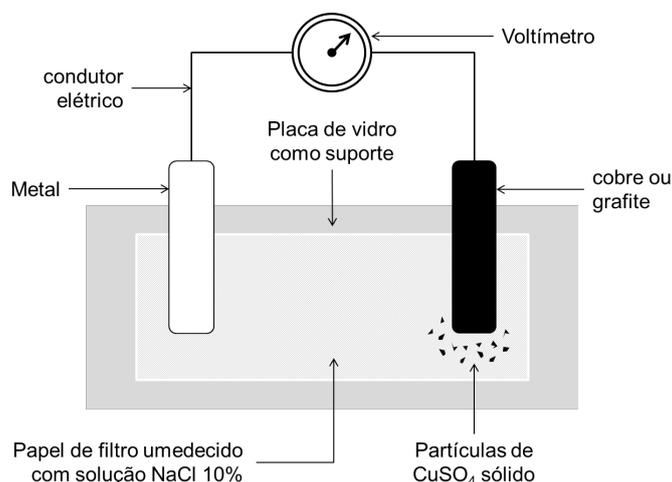


Figura 10.2: Representação da pilha econômica.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: Todos os metais e o grafite devem ser limpos e guardados para serem reutilizados. A solução de NaCl pode ser colocada de volta ao frasco e as tiras de papel podem ser descartada no lixo. A solução de CuSO₄ pode ser recuperada e, por isso, deve ser colocada em recipiente indicado na área de RESÍDUOS do laboratório.

Parte 2: Processos Eletrolíticos



Materiais

- Fonte de corrente contínua (6-10 V)
- Voltímetro digital
- Fios elétricos e conexões do tipo "jacaré"
- 1 Tubo em "U"
- 2 pinças de madeira para prender o tubo em "U" ou um suporte de ferro com garra.
- 2 Eletrodos de Grafite ou Aço
- Palha de Aço

Reagentes

- Solução mista (1:1, v/v) de sulfato de zinco (ZnSO₄) 0,05 mol/L + iodeto de potássio (KI) 0,05 mol/L.
- Solução de Amido 0,2% (m/v).

Observações gerais

- Os eletrodos devem ser limpos (se for necessário, lixe a superfície dos eletrodos com palha de aço).
- Evite que os conectores de jacaré entrem em contato com a solução no tubo.

Eletrólise de uma Mistura de Iodeto de Potássio e Sulfato de Zinco

PROCEDIMENTO

ATENÇÃO! A solução mista de sulfato de zinco e iodeto de potássio (1:1, v/v) deve ser DESCARTADA no frasco de resíduos do laboratório. NÃO a retorne para seu frasco de origem!

2A: Carregando a bateria

1. Prenda o tubo “U” com as pinças de madeira.
2. Preencha o tubo com a solução mista (1:1, v/v) a ser eletrolisada até 1 ou 2 cm da abertura do tubo e seque as bordas com papel toalha.
3. Prenda cada um dos eletrodos de grafite com um conector tipo jacaré.
4. Mergulhe os dois eletrodos de grafite nas extremidades do tubo.
5. Mostre a montagem ao professor.
6. Conecte os dois eletrodos à fonte de tensão (voltagem de, no máximo, 10 V) e observe os fenômenos que ocorrem nos dois lados.

Observação: Se o efeito esperado não aparecer em até cinco minutos, consulte o professor para revisão do sistema.

Qual espécie oxida? Qual reduz? Para identificar e comprovar a espécie formada no anodo, adicione uma ou duas gotas de solução de amido (a mesma utilizada no Experimento 8, de Cinética) e verifique a reação ocorrida. Explique o que aconteceu com base na função desempenhada pelo amido, em acordo com o que foi estudado no Experimento 8.

2B: Descarregando a bateria

1. Após realizar o procedimento anterior, desconecte os fios da fonte de alimentação e ligue-os no voltímetro (mantenha os eletrodos dentro do tubo com os jacarés encaixados).
2. Observe a diferença de potencial gerado.
3. Desligue o voltímetro, retire os eletrodos do tubo e desconecte os cabos.
4. Lave os eletrodos com água destilada, seque-os e os guarde, pois eles podem ser reaproveitados.



DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS: A solução de sulfato de zinco eletrolisada deve ser colocada em recipiente indicado na área de RESÍDUOS do laboratório, pois a mesma pode ser guardada sobre zinco metálico para ser recuperada. O zinco reage lentamente com o iodo: $Zn^0 + I_2 \leftrightarrow Zn^{2+} + 2I^-$, deixando a solução incolor e pronta para ser reutilizada. O iodo e seus compostos têm um custo elevado. Portanto, o reaproveitamento da solução usada torna o experimento mais econômico.



REFERÊNCIAS

1. D.Ebbing, M.S.Wrighton: General Chemistry, 3ª Ed., Houghton Mifflin Company, Boston (1990).
2. A.R.Denaro: Fundamentos de Eletroquímica, Ed. Edgard Blücher, São Paulo (1994).
3. L.A. Carvalho de Sales: Eletroquímica – Experiências, Leis e Conceitos Fundamentais, Fund. Salim Farah Maluf, São Paulo (1986).
4. Roesky, H. W., Möckel, K.: Chemische Kabinettstücke, VCH, Weinheim (1994).

RELATÓRIO – EXPERIMENTO 10
PILHAS ELETROQUÍMICAS E PROCESSOS ELETROLÍTICOS

EQUIPE

Nome _____ Matrícula _____
Nome _____ Matrícula _____

Parte 1: Pilhas Eletroquímicas

1. Quais são os fatores que determinam a voltagem de uma pilha eletroquímica?

2. Quais são os fatores que determinam a vida útil de uma pilha eletroquímica?

3. Qual é a função da solução de cloreto de sódio nas pilhas estudadas?

4. Qual é a função do papel de filtro e do algodão nas pilhas estudadas?

5. Escreva as semirreações dos processos que ocorrem nos eletrodos de cada pilha estudada, assim como a reação química global.

6. No procedimento experimental da pilha de Daniel simplificada, você comparou o resultado obtido no experimento com o valor teórico. Demonstre aqui seus cálculos e, caso tenha encontrado alguma divergência entre os resultados, explique os eventuais motivos que levaram às variações encontradas.

Parte 2: Processos Eletrolíticos

7. Interprete os fenômenos observados nos eletrodos, especificando, também, os eletrodos onde foi observada a deposição de zinco e a formação de iodo (catodo ou anodo).

8. Escreva as semirreações dos processos que ocorrem em cada eletrodo, assim como a reação química global.

9. Explique os fenômenos observados durante o descarregamento da bateria, a qual foi “carregada” anteriormente por meio da eletrólise da reação química estudada. Descarregar a bateria é um processo de eletrólise? Justifique sua resposta.

10. Por que a voltagem na fonte deve ser de até 10 Volts? O que pode acontecer no sistema reacional caso uma voltagem muito alta for aplicada?
